

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

**PROGRAMA, CONTEÚDO E MÉTODOS DE ENSINO
DA DISCIPLINA DE ANTROPOLOGIA CULTURAL I
DA LICENCIATURA DE SOCIOLOGIA**

Relatório da disciplina de Antropologia Cultural I para efeitos do concurso documental a Professor Associado da área disciplinar de Sociologia e Comunicação Social (Sociologia)

MARIA JOHANNA CHRISTINA SCHOUTEN

Covilhã

Junho de 1998

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROGRAMA, CONTEÚDO E MÉTODOS DE ENSINO
DA DISCIPLINA DE ANTROPOLOGIA CULTURAL I
DA LICENCIATURA DE SOCIOLOGIA

Relatório da disciplina de Antropologia Cultural I para efeitos do concurso documental a Professor Associado da área disciplinar de Sociologia e Comunicação Social (Sociologia), conforme edital publicado no Diário da República, II Série, de 19 de Março de 1998.

Maria Johanna Christina Schouten

Covilhã

Junho de 1998

ÍNDICE

1. Apresentação	3
2. Antropologia Cultural I: algumas reflexões	4
3. Enquadramento curricular	11
4. Os objectivos da disciplina	14
5. Os discentes	15
6. Metodologia	16
7. O programa da disciplina	20
8. Programação das aulas	26
9. Critérios de avaliação	49
10. Bibliografia geral	52

Anexo I. A avaliação; normas para o trabalho escrito. (A distribuir pelos alunos).

Anexo II. Relatório de algumas aulas (A distribuir pelos alunos).

1. Apresentação

Disciplina: Antropologia Cultural I

Departamento: Sociologia e Comunicação Social

Licenciatura: Sociologia

Ano Lectivo: 2º ano, 1º semestre.

2. *Antropologia Cultural I: algumas reflexões*

A disciplina a escolher para a elaboração de um relatório teria que ser, de preferência, uma das disciplinas de antropologia do curso da licenciatura em sociologia, dado que os meus estudos universitários, na sua maior parte, incidiram sobre a antropologia cultural.

Além de me considerar relativamente bem preparada a nível de conhecimentos, estou convencida do grande valor que tem para os estudantes universitários - nomeadamente os do curso de sociologia - familiarizarem-se com noções da antropologia, e com uma 'visão antropológica', caracterizada pelas perspectivas comparativas e holísticas. Ensinar antropologia é, portanto, para mim uma tarefa 'nobre', e ao mesmo tempo um desafio, uma vez que a antropologia é alvo de polémica - a sua importância tem que ser comprovada.

Das quatro disciplinas de antropologia que constam da estrutura curricular optei por Antropologia Cultural I, porque dá, no seu programa, ampla atenção a mudanças sociais, coadunando-se assim com um dos meus interesses, e com a minha formação académica complementar em história. Processos e mudanças económicas e políticas durante e após a época colonial no Sudeste Asiático foram, ainda, temas centrais na minha investigação para a tese de doutoramento. No entanto, a denominação da disciplina pouco revela do seu conteúdo. De facto, a designação pode levantar questões, dado que é constituída por dois conceitos polémicos e multi-interpretáveis: antropologia, e cultura(1). Julgo ser necessário reflectir sobre estes conceitos, antes de me debruçar sobre o conteúdo da disciplina.

Já a relativa concisão com qual se poderia dar uma definição de antropologia, por exemplo 'o estudo do Homem', indica que esta área científica é muito abrangente. A antropologia tem vários ramos, mas a constelação da ramificação, e a relativa importância dos respectivos ramos varia conforme as tradições científicas e até nacionais. Os praticantes de antropologia actuam em áreas e locais cada vez mais

variados, podendo mesmo incluir as empresas hipermodernas¹ - o que é bem distante das sociedades 'tribais', com o estudo das quais a antropologia iniciou as suas actividades. Trata-se aqui não só de uma adaptação necessária ao mundo em mudança, mas também dum passo resultante da natureza da antropologia: o seu olhar particular pode ajudar na compreensão e na forma de lidar com esse mundo em mudança, com especial rumo para a abordagem dos grandes problemas contemporâneos tal como as relações entre grupos ou categorias sociais, quer baseadas em questões étnicas, religiosas, ou no género. Evidentemente, a antropologia não pode resolver este tipo de problemas sozinha; - precisa da cooperação com outras vertentes das ciências sociais, e - já a um nível diferente - com entidades com poder político e económico.

No entanto, ao longo das últimas décadas, a antropologia tem sido, frequentemente, posta em causa, por elementos tanto de dentro como de fora da academia. Uma questão central relaciona-se com o carácter da antropologia: Deve ela ser uma disciplina científica ou então interpretativa? Apesar de esta questão apresentar uma dicotomia forçada, na realidade verificam-se os dois extremos nos estudos antropológicos contemporâneos. Por um lado, há os que revelam uma abordagem positivista, apostando no levantamento rigoroso de dados, muitas vezes numéricos, e apoiando-se fortemente em teorias.² A interpretatividade, por seu lado, tem os seus adeptos no seio do pós-modernismo: para eles, é o texto, 'the writing', o que conta.³ 'Thick description' é aliás uma expressão popular desde uma geração,⁴ e, creio, a

¹ Koot 1991; Lundström 1998.

² Estes encontram-se, por exemplo, entre os que fazem estudos relacionados com desenvolvimento rural (para Java, um deles é W.L. Collier - ver Collier 1981) e nos meios da ecologia cultural (por exemplo, Headland 1990; Harris 1990, e 1968: 605-687).

³ Ver, em especial, Clifford 1988; Clifford e Marcus 1986.

⁴ Pelo artigo com esse título de Clifford Geertz, embora originalmente concebida por Gilbert Ryle (Geertz 1973).

melhor forma de etnografia - na medida em que se refere à informação que é transmitida por via dum texto sensibilizador: "A good interpretation of anything takes us into the heart of that of which it is the interpretation."⁵ Para tal, o texto deve fornecer informação suficiente e adequada.

Neste sentido, a antropologia já desde há muito tempo conhece a 'thick description' - que também é a maior causa da ambiguidade da disciplina. É precisamente devido ao trabalho de campo, a chamada observação participante - que após as expedições de Malinowski se tornou quase obrigatória para antropólogos - que a antropologia não pode manter a distância do objecto de estudo que é o ideal da abordagem positivista. Na própria antropologia há e houve vozes favoráveis a um abandono deste método.⁶ Contudo, a observação participante é muito enriquecedora precisamente pelo contacto directo que esta nos permite - proporcionando assim as condições para 'verstehen', compreender o ponto de vista e as emoções do actor. Esse é mesmo o ponto forte da antropologia: "our familiarity with the specifics of the lives and conditions of real people in the world."⁷ O conhecimento do etnógrafo de factos, mas também de sentimentos e 'imponderabilia', proporcionam condições favoráveis para uma boa descrição.

O outro elemento no nome da disciplina, 'cultura', nunca foi unívoco, e Edward Tylor em 1871 fez bem explicitar logo na primeira página de *Primitive Culture* o que ele entendia sobre a palavra-chave da sua obra. Nas inúmeras outras definições por vezes é salientado o aspecto de simbolização, ou então a adaptatividade, ou o 'habitus', ou os padrões que se escondem atrás da superfície do comportamento.

Cultura não só é difícil de definir mas também de 'apanhar': uma cultura não é

⁵ Geertz 1973: 18.

⁶ Um exemplo é Llobera 1986.

⁷ Barth 1997: 233 .

estática, nem homogénea, nem bem delimitável. Deste último aspecto estamos cada vez mais conscientes, devido aos desenvolvimentos revolucionários na comunicação. A ligação de cultura a um certo lugar ou contexto social já não é evidente, neste tempo em que os 'ethnoscapes' (empregando uma expressão de Appadurai)⁸ se estendem pelo mundo inteiro. Para além disso, opera a chamada globalização, o que, no entanto, não deve ser equiparado a 'uniformização', nem a 'ocidentalização'. Cada grupo e sociedade reage de forma própria a elementos culturais ocidentais; e, os aspectos culturais que se disseminam não vêm só do Ocidente. Assim, pode-se falar de Mcdonaldization, mas também, por exemplo, de 'karaoke-ization'.⁹

Não obstante tais problemas metodológicos, o conceito 'cultura' tem aparecido, principalmente após o fim da Guerra Fria, como explicação para os mais variados assuntos. Francis Fukuyama, no seu recente livro sobre culturas económicas, fala mesmo da 'espiritualização da vida económica'.¹⁰ Exemplo talvez ainda mais conhecido é a hipótese do politólogo Samuel Huntington, que defende que as culturas (ou 'civilizações') serão o factor principal de possíveis futuros conflitos armados.¹¹ A sua abordagem estática das civilizações que distingue, combinada com a evidente dificuldade de delimitar as civilizações, torna a análise pouco convincente.

A armadilha de 'estaticidade' também está presente na utilização da palavra cultura nos estudos - cada vez mais frequentes - sobre etnicidade e identidade. Em relação a África, muitos autores contemporâneos salientam a flexibilidade da identidade étnica.¹² A fluidez das fronteiras entre etnias, no entanto, tem vindo a diminuir após a

⁸ Appadurai 1990. Pode-se comparar isso com Anderson 1993 [1983]: 145.

⁹ Ong 1996: 76-77; Long 1996; Watson 1997.

¹⁰ Fukuyama 1996: 337.

¹¹ Huntington 1996.

¹² Ranger 1991; Rodrigues de Areia 1997; Woodburn 1997: 348.

chegada dos europeus - sejam eles administradores coloniais, missionários, ou cientistas, todos eles adeptos de taxologias. Assim, Rodrigues de Areia fala-nos de 'etnização'.¹³ Zonas da Ásia tiveram experiências semelhantes, por exemplo o norte da Sulawesi, como verifiquei nas minhas pesquisas.¹⁴

Mas também os grupos que são objectos deste tipo de considerações dão, às vezes, uma caracterização rígida e exclusiva da sua própria etnicidade ou identidade. Assim, na Índia há uma revitalização do sentimento de pertença a uma casta, o chamado 'casteism'. Aliás, exemplos podem ser dados de todos os cantos do mundo. Por regra estes movimentos ou ideias são acompanhados por uma 'invenção (ou reestruturação) da tradição'.¹⁵

'Pigeon-holing', e salientar as diferenças culturais, sejam eles feitos pelos próprios actores, ou por pessoas de fora, pode levar a fenómenos da mesma ordem do racismo. Adam Kuper assinalou que a 'antropologia de cultura e de diferença' contribuiu para a manutenção do clima intelectual e político que apoiou apartheid.¹⁶ Estas críticas são semelhantes às que foram feitas ao orientalismo, nomeadamente por Edward Said.¹⁷ Convém referir também que uma cultura não é homogênea, e raramente existe uma cultura por grupo, ou sociedade. Dar voz às 'muted cultures', aos grupos e categorias outrora silenciados, é uma das tarefas da antropologia.

Essas reflexões têm um papel tanto na elaboração dos objectivos e do programa

¹³ Rodrigues de Areia 1997.

¹⁴ Schouten 1993: 141-143, 161-163.

¹⁵ Tal como também aconteceu em relação às nações europeias, nomeadamente no século XIX. Ver sobre Grécia, Herzfeld 1992. O caso de Portugal é também paradigmático; ver Sousa Santos em Silva e Jorge (orgs.) 1993: 27-31.

¹⁶ Ver Adam Kuper, numa entrevista recente em *EASA Newsletter*; Kahn 1995: 91.

¹⁷ Said 1995. [1978.]

da disciplina Antropologia Cultural I, como na prática de ensiná-la. Nesta disciplina são focados dois aspectos da vida social-cultural: a economia e a política. Recentemente tem-se trabalhado muito sobre estas temáticas. Quanto à economia, basta referir o tema do quarto congresso da European Association of Social Anthropologists (EASA), em Barcelona, em Julho de 1996, 'Culture and economy: conflicting interests, divided loyalties', e o tema do volume 38 / 2 (de 1996) da conhecida revista *Comparative Studies in Society and History*, 'Cultures of Economy'.

Alguns conceitos-chave, frequentemente debatidos e fontes de renovação no pensamento sobre a realidade social, têm a sua origem no âmbito da economia, embora tenham um alcance bem mais abrangente. Exemplos são 'dádiva' e 'dívida'. As muitas facetas da primeira já foram contempladas inúmeras vezes desde Mauss; em relação à dívida, não raras são as sociedades em que esta funciona como um caução material para uma relação diádica de desigualdade, de tal forma que pode mesmo existir uma 'need to be indebted'.¹⁸ No Sudeste Asiático, relações de dívida são o cimento da sociedade.¹⁹

As relações de dívida têm, portanto, uma forte componente política, dado que relações de poder e desigualdade - e às vezes muito mais - estão em causa. Também outros aspectos da vida económica podem ser abordadas num enquadramento político. O domínio da 'política' é considerável; debaixo deste resguardo há espaço para tópicos como organização política, nação, autoridade, desigualdade e legitimização. A reflexão

¹⁸ Hill 1992: 83-94.

¹⁸ Reid 1983; Bloch 1989 (e noutras obras) sobre Madagascar (que pertence à área cultural do Sudeste Asiático).

¹⁸ Ver a 'distinguished lecture' de Eric Wolf (1990), sobre 'power'; as muitas abordagens interessantíssimas sobre o poder e a sua simbolização no Sudeste Asiático (Tambiah 1985; Anderson 1972; Geertz 1980). Desigualdade está na base de muitos problemas sociais contemporâneos, por exemplo as relações de género e entre grupos 992: 83-94.

¹⁹ Reid 1983; Bloch 1989 (e noutras obras) sobre Madagascar (que pertence à área cultural do Sudeste Asiático).

antropológica sobre essas temáticas tem comprovado o seu valor científico, mas também a sua utilidade para encarar e tentar explicar mudanças sociais.²⁰

Tal como já foi anteriormente referido, muitos são os autores não-antropólogos que recorrem à 'cultura', na análise de questões económicas e políticas contemporâneas. Esperemos que esse interesse constitua um sinal de que novas e mais frutíferas relações de cooperação venham a ser estabelecidas entre economistas, politólogos e antropólogos.²¹ Esta cooperação deve mesmo ser alargada a todas as áreas das ciências sociais, no sentido de promover projectos interdisciplinares. Pensamos em particular em sociologia. A formação antropológica de futuros sociólogos, na Universidade da Beira Interior, é o tema deste relatório.

²⁰ Ver a 'distinguished lecture' de Eric Wolf (1990), sobre 'power'; as muitas abordagens interessantíssimas sobre o poder e a sua simbolização no Sudeste Asiático (Tambiah 1985; Anderson 1972; Geertz 1980). Desigualdade está na base de muitos problemas sociais contemporâneos, tal como as relações de género e entre grupos étnicos/ religiosos.

²¹ Há já vários casos de colaboração. Mary Douglas, uma antropóloga que ganhou renome pelas suas análises simbólicas, já em 1979 publicou, em co-autoria com um economista, um livro sobre o fenómeno económico (mas não só) de consumo (Douglas e Isherwood 1996 [1979.]). Seria, de resto, interessante comparar e conjugar as análises de Fukuyama (1996) e de Ong (1996: 78-84) sobre a cultura económica em China.

3. *Enquadramento curricular*

A Universidade da Beira Interior atribui ao ensino em antropologia um lugar privilegiado no seu curso de licenciatura em sociologia, quando comparado com cursos de sociologia em outras universidades públicas portuguesas. Julgamos que esta consideração especial para a antropologia se justifica, porque enriquece os conhecimentos a adquirir nas outras disciplinas, e ajuda a formar um sociólogo 'mais completo'. Ao travar conhecimento com outras formas de estar, pensar, actuar, um futuro sociólogo vai rejeitar a ideia que essas formas tal como existem na sua cultura, são óbvias e mesmo até as únicas possíveis. Assim a antropologia contribui para a ruptura com o senso comum,²² que é um dos objectivos do ensino das ciências sociais. Com referência a esse aspecto comparativo, Giddens salienta a 'necessidade da dimensão antropológica da imaginação sociológica' - que, por esse mesmo motivo não pode dispensar da dimensão histórica.²³

No primeiro e no segundo ano da licenciatura, há quatro disciplinas semestrais de 'Antropologia'. Antes da reestruturação do curso (que começou a ser efectuada em 1995/1996) existiam duas disciplinas anuais, e ainda no terceiro ano a disciplina anual de Etnografia. Aquando da criação do curso, em 1987, os programas foram definidos, mas apenas numa forma muito genérica; na prática, eles foram profundamente adaptados. Assim, tem-se desenvolvido, no conjunto das disciplinas de antropologia, um esquema de acumulação de conhecimentos e de capacidade de análise, distribuído sobre os dois primeiros anos do curso. É de salientar que para a frequência das disciplinas do segundo ano, os discentes carecem de precedências da Antropologia

²² Terminologia de José Madureira Pinto (Pinto 1994: 113-138).

²³ Giddens 1989: 20-21. Da mesma forma, a antropologia não pode dispensar da imaginação histórica, e vice-versa. Ver, neste contexto, o título do livro de Comaroff e Comaroff (1992): *Ethnography and the historical imagination*.

Geral (I e II).

No primeiro ano, os alunos devem travar conhecimento com as noções básicas da antropologia, com algumas das principais correntes teóricas, e também com, o que podemos chamar, alguma 'etnografia básica'. Por isso, dá-se atenção ao conceito 'cultura' e à sua relação com 'natureza', no sentido da biologia humana e do ambiente físico. Os temas abordados são a antropologia física e a evolução humana, a linguística, modos de subsistência de sociedades pré-industriais, e parentesco. Intertecidos estão as teorias antropológicas e estudos etnográficos mais relevantes. Este programa tem-se modificado ao longo dos anos, basicamente no que diz respeito às ênfases dadas aos vários assuntos, e à bibliografia. Uma mudança notável aconteceu a partir do momento em que o Professor Doutor Donizete Rodrigues se encarregou de metade das actividades lectivas da antropologia no primeiro ano. Depois da reestruturação do curso, aquele docente tornou-se o responsável pela disciplina Antropologia Geral I, e eu até ao ano lectivo 1997/1998 pela Antropologia Geral II.

No ensino de antropologia do segundo ano expandem-se os conhecimentos do primeiro ano, e incentivam-se mais a autonomia e responsabilidade dos alunos, além de um maior desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade argumentativa. São abordados alguns grandes temas da antropologia, nomeadamente a antropologia económica, a antropologia política, e a antropologia de sociedades camponesas.

Depois da reestruturação do curso, o terreno privilegiado da Antropologia Cultural I tem consistido na antropologia económica e política, focando, principalmente, processos em sociedades extra-europeias.

Assim, Antropologia Cultural I pode ser considerada como inserida numa forma lógica no ensino de antropologia: a seguir às duas disciplinas de antropologia básicas e precedente à quarta disciplina de antropologia (Antropologia Cultural II). Atendendo aos conteúdos das diversas disciplinas, poderia-se dizer que o percurso do ensino de antropologia começa em tempos remotos e zonas longínquas, até chegar à

contemporaneidade e a lugares próximos.

Entre as disciplinas que não são de antropologia, há, no entanto, várias que se relacionam com a Antropologia Cultural I. Essas relações podem ser em termos de convergência de tópicos (embora sempre abordados de maneiras distintas, adequadas à disciplina em questão), em termos de preparação ou de aprofundamento de conhecimentos.

Assim, vários temas de Antropologia Cultural I são também abordados nas disciplinas de Sociologia Geral I e II - do primeiro ano -, e de Teorias Sociológicas I e II - do segundo ano -. Pode-se esperar que os discentes já tenham algumas noções de economia, uma vez que a disciplina de Economia consta do primeiro ano do curso. Por outro lado, os conhecimentos sobre antropologia política a adquirir na disciplina de Antropologia Cultural I podem funcionar como uma preparação para a disciplina de Sociologia Política, do terceiro ano. Outras disciplinas relacionadas são as de Sociologia Rural, de Sociologia do Desenvolvimento e de Ecologia Humana.

A Antropologia Cultural I, ao tomar por foco os desenvolvimentos em sociedades extra-europeias, proporciona uma preparação para algumas disciplinas opcionais, do quarto ano, nomeadamente Sociologia da África, Sociologia da Ásia, e Sociologia da América Latina.

Convém referir o facto de que o estudo destas sociedades tem um lugar privilegiado nas linhas de investigação no Centro de Estudos Sociais da Universidade da Beira Interior. Um dos seus projectos é 'mudança social em sociedades extra-europeias', com uma produção apreciável, como nos indicam as publicações e a realização de dois 'workshops' internacionais que tiveram bastante êxito.²⁴

²⁴ Respectivamente: «África de língua portuguesa: Presente e futuro», sob a coordenação do Professor Doutor José Carlos Venâncio (1996) e «Portugal e o Sudeste Asiático», sob a minha coordenação e a do Professor Doutor José Carlos Venâncio (1997).

4. Os Objectivos da disciplina

Pretende-se dotar os discentes com conhecimentos básicos sobre a antropologia económica e política, com especial atenção para as sociedades pré-industriais. Visa-se ainda estimular o desenvolvimento da capacidade de reflectir de forma crítica sobre esta matéria.

Assim, as metas que os alunos devem alcançar são:

- dominar os principais conceitos e teorias da antropologia económica e política;
- conhecer, nesta área, a abordagem processual e não-essencialista;
- perceber a interrelação e convergência de fenómenos classificados como económicos e políticos (bem como de outras áreas do social e cultural);
- alargar os conhecimentos sobre as sociedades do 'Terceiro Mundo', e compreender as inter-relações com as sociedades ocidentais, no passado e no presente;
- estar aptos a analisar a realidade social de forma crítica.

5. *Os discentes*

Uma vez que os objectivos, os métodos do ensino-aprendizagem e o programa não podem ser dissociados da população alvo, acho oportuno proceder à caracterização dos alunos.

É preciso ter presente que são estudantes de sociologia os discentes da disciplina de Antropologia Cultural I. Não convém, por isso, abordar extensivamente um leque de teorias antropológicas - deve-se, sim, escolher entre elas, e, sobretudo, ilustrá-las com casos (ou vice-versa: a partir de casos debruçarmo-nos sobre abordagens antropológicas). Julga-se que a análise comparativa de fenómenos políticos e económicos pode ir ao encontro do interesse de futuros sociólogos.

As turmas têm, por regra, entre 35 e 40 elementos, provenientes das várias partes do território português, e também dos PALOP. Na sua maior parte, os estudantes têm uma idade que rodeia os 20 anos e podem-se, teoricamente, dedicar a tempo inteiro aos estudos. No entanto, também há estudantes-trabalhadores, alguns dos quais com idade bastante acima da média da turma. Uns já têm família constituída. Esta diversidade pode ser proveitosa nos debates durante as aulas.

A heterogeneidade que a turma de sociologia manifesta à chegada à universidade, no primeiro ano, é menor no segundo ano - ano em que Antropologia Cultural I é leccionada -. Para além de se já terem familiarizados uns com os outros, já se familiarizaram com a antropologia.

A integração dos alunos na universidade, e o suposto domínio de noções básicas de antropologia constituem, em princípio, factores favoráveis para a aprendizagem na Antropologia Cultural I, especialmente com os métodos que passamos a propor.

6. Metodologia

Os métodos visam atingir os seguintes objectivos gerais: que os estudantes se inteírem bem da matéria, a compreendam, e reflectam sobre a mesma. Para tal, são aplicados várias técnicas pedagógicas, conforme o tipo de aula e o resultado pretendido. Fundamental é motivar os alunos, e despertar e manter o interesse.

A minha formação didáctica limita-se a duas disciplinas nos estudos universitários de antropologia e história, em Amsterdam -inclusive um estágio numa escola secundária. A referida didáctica era orientada para o ensino secundário. Julgo que pelo menos um princípio tem seu valor nos vários níveis de ensino: a interactividade. As aulas têm que ser bem preparadas, mas por outro lado o docente deve ser sensível às reacções dos alunos, e portanto deve saber improvisar.

Formalmente, distinguem-se dois tipos de aulas, que podem ser apelidadas respectivamente de 'teóricas' e 'práticas'. No primeiro caso, a docente é o principal interveniente, no segundo este papel cabe aos alunos. No entanto, ambos os tipos de aulas são organizados com o objectivo de realizar uma transmissão de conhecimentos e uma participação activa de discentes, com espaço para debate.

Nas aulas 'teóricas', a docente expõe, oralmente, uma parte da matéria. Há vários meios de apoio na exposição. Com frequência, transparências são utilizadas, para a apresentação de definições, citações, dados estatísticos, e representações esquemáticas. Também o mapa do mundo é material de apoio imprescindível. Sempre que o tema o exige, recorre-se a figuras e fotografias, enquanto nalgumas ocasiões, os vídeos servem como ilustração. O quadro e o giz continuam a ser o melhor material de apoio, dado que respondem às exigências de flexibilidade e interacção.

A exposição da docente é intercalada por questões mais ou menos pertinentes aos alunos. Estas podem ser transmitidas por acetatos e desse modo abordadas durante

a aula, - ou numa aula seguinte, após reflexão em casa. Para tal concorre, por exemplo, a confrontação entre autores com opiniões diferentes sobre um dado assunto. Tratam-se com regularidade casos concretos que são actuais ou relativamente conhecidos, tal como a relação entre Hutus e Tutsi; a minoria chinesa no comércio na Ásia; o trabalho infantil. Tenta-se também estimular a reflexão sobre assuntos que parecem 'evidentes' mas cuja complexidade se manifesta após uma análise mais profunda. Durante a aula a docente está disposta a esclarecer possíveis dúvidas.

Nas chamadas aulas práticas retomam-se os mesmos assuntos das aulas teóricas, mas com uma estratégia diferente. Parece-nos importante expor aqui os procedimentos das aulas práticas em pormenor, dado o seu papel fundamental para atingir os objectivos da disciplina.

Nessas aulas, os alunos apresentam, individualmente, uma exposição oral sobre um artigo ou parte dum livro. A seguir a cada exposição, um colega apresenta o seu comentário, ao qual se segue a colocação de questões e observações por parte da turma e da docente, e depois um debate mais alargado. A aula é sempre concluída com um balanço-síntese pela docente, que por fim elabora um pequeno relatório, a ser distribuído pelos alunos. Este contém os principais pontos da discussão, com eventuais citações dos textos em questão, ou dos próprios alunos. Estabelece-se uma ligação com a matéria das aulas teóricas. Uma amostra de relatórios, que no seu conjunto podem ser denominados 'sebenta', encontra-se em Anexo II.

As apresentações acima referidas são elaboradas com base nos trabalhos realizados pelos alunos. Cada discente deve escolher um dos artigos indicados pela docente, coligidas tendo como referência vários sub-temas, e fazer um trabalho de aproximadamente 2000 palavras (não incluindo bibliografia, anexos, etc.). As normas para tal trabalho, elaboradas pela docente, são distribuídas aos alunos. (ver Anexo I).

Estes trabalhos são discutidos, não só nas aulas mas também individualmente, nomeadamente no que diz respeito à redacção. Esta discussão envolve a participação do

autor do trabalho e do comentador, num horário fora das aulas.

O comentador também deve ler o texto de base, e o seu desempenho conta como critério na avaliação final. Assim, cada aluno deve estudar com profundidade pelo menos dois dos textos que são alvo de trabalhos práticos, dado que cada um apresenta e comenta.

Esta estratégia necessita de uma boa organização: Logo na primeira aula estabelece-se o calendário, dividem-se as tarefas, e distribuem-se as fotocópias. São fornecidas orientações a cada aluno sobre o texto que este escolheu. Docente e colega-comentador devem ter o trabalho ao seu dispor uns dias antes da aula em que este vai ser apresentado.

Os textos com base nos quais são realizados os trabalhos quase todos são ou contêm estudos de caso, aplicações concretas de abordagens e conceitos que os alunos devem dominar. Certos tópicos ou subtemas recebem uma atenção especial, de modo a integrarem aulas definidas sobre essa temática. A selecção dos subtemas é influenciada, por um lado, pela sua relevância, e por outro pela disponibilidade de obras adequados. Visa-se a escolha de artigos com um nível de dificuldade aproximado. Excepcionalmente, alguns textos mais difíceis e extensos podem ser elaborados por duas pessoas. Poucos textos são em português, devido não só ao número reduzido de artigos adequados nesta língua, mas mais ainda ao parâmetro de manter um semelhante grau de dificuldade. É de salientar que o tratamento de obras numa língua estrangeira tem as suas vantagens. Em primeiro lugar, como forma de exercício, já que na minha opinião qualquer académico deve ter conhecimentos razoáveis em inglês e/ ou francês. Em segundo lugar, tenho verificado que um texto-base numa língua estrangeira estimula a criatividade dos alunos para parafrasear e interpretar o texto.

A elaboração de trabalhos tem várias funções. Para além de trazer um melhor domínio do conteúdo da disciplina, é de esperar que os discentes sejam encorajados no desenvolvimento de algumas outras capacidades, nomeadamente a execução de

pesquisa bibliográfica, eventualmente por meio da Internet, a redacção de ensaios, a leitura numa língua estrangeira. Também as capacidades argumentativas e críticas são estimuladas e espera-se que os discentes se tornem ainda mais conscientes de que uma correcta atitude científica não pode ser baseada no dogmatismo.

Fez-se a opção por um trabalho individual por razões didácticas, proporcionando uma certa garantia de que cada aluno desempenha todas as tarefas exigidas. Também permite uma melhor avaliação do desempenho do discente. Nos raros casos em que um trabalho é elaborado em grupos, é-o sempre em função do texto, e não por conveniência dos discentes. Reconheço a importância do trabalho em grupo, o que aliás já se realiza em várias disciplinas da licenciatura (inclusivamente em Antropologia Geral II, até 1997 sob a minha responsabilidade). No entanto, um trabalho individual nesta disciplina parece o mais satisfatório pedagogicamente.

O método em cima explicitado implica que um mesmo tema seja desenvolvido duas vezes (em aulas mais teóricas, e em mais práticas) - com um intervalo entre as duas ocasiões. Este intervalo é necessário para os estudantes prepararem bem os respectivos trabalhos. Pode aliás ser justificado didacticamente, visto que a repetição - sob formas diferentes - é uma boa técnica de ensino.

7. O programa da disciplina

Na elaboração concreta do programa, concretizam-se algumas das premissas expostas em linhas gerais no ponto 2. O que quer dizer que na matéria da disciplina, nos textos seleccionados, e na metodologia aplicada, se privilegia uma abordagem processual e não-essencialista. Tal pode sugerir uma contradição com a apresentação, no programa, de esquemas e tipologias. No entanto, as taxonomias têm as suas vantagens didácticas, como ponto de partida e de referência, e para se perceberem os graus de variação entre os fenómenos a tratar. É óbvio que os alunos são avisados de que as taxonomias simplificam a realidade. O recurso frequente a estudos de caso reflecte a importância que atribuo à etnografia, no sentido de descrição.

No que diz respeito à antropologia económica, são tratados os principais aspectos da vida económica numa perspectiva comparativa e histórica; vários modos de os abordar; e as mudanças e formas de continuidade nas situações de contacto. O fenómeno económico é sempre entendido no seu enquadramento social e cultural.

Assim, analisam-se vários autores e correntes, no seu contexto histórico, e são também consideradas as possíveis formas de aplicação das suas ideias a casos concretos. É de notar que no decorrer das aulas não se tratam todas essas abordagens relevantes de uma só vez, mas, sobretudo, em função da temática da aula. Por exemplo, a corrente francesa de inspiração marxista é introduzida nas aulas acerca do colonialismo.

No tratamento dos aspectos da vida económica, os processos económicos constituem um ponto de partida. Estes são apresentados esquematicamente, a que se segue o tratamento de cada um dos elementos. Em relação à produção, nas sociedades pré-industriais, é oportuno recorrer a aspectos de ecologia cultural (um tema já focado no ensino do primeiro ano). Um outro tema é a divisão do trabalho, especialmente a que

se baseia em género.

No que diz respeito à 'circulação', analisam-se as classificações de Polanyi e Sahlins (reciprocidade de vários tipos, redistribuição, troca comercial), com os correspondentes princípios sócio-políticos. Dá-se ampla atenção às críticas e reformulações recentes neste contexto. Tal proporciona um motivo para examinar a divisão entre sociedades baseadas em 'gift' e aquelas baseadas em 'commodity', e dicotomias afins - o que, de resto, acontece por diversas ocasiões durante o semestre. Sobre o sistema de mercado, é referido que este se tem, até certo ponto, imposto em todo o mundo, mas que a relação que o mercado estabelece com a situação local ou regional varia conforme o contexto e as condições de contacto.

Da fase de 'consumo' são tratados alguns estudos etnográficos, que transmitem de forma feliz os respectivos contextos culturais. Parece que esta fase do processo económico, embora só recentemente se tenha expandido enquanto objecto de pesquisa, pode fornecer pistas de grande valor e originalidade.

Neste caso, há de novo fortes convergências entre o factor económico e outros, - por exemplo, o político. Dado que a política é um terreno muito vasto, tive que fazer uma selecção tanto dos temas, como das abordagens a tratar. Foquei os que considero essenciais, e relevantes para futuros sociólogos.

Os discentes devem estar conscientes que 'política' pode ser abordada de várias maneiras. É, portanto, imprescindível reflectir sobre termos fundamentais: poder, autoridade, legitimidade, ideologia, ordem - que não podem ser analisados sem referir à religião, ao ritual, ao símbolo. Recorre-se a estes conceitos e às suas interrelações em diversas aulas, numa forma que corresponde à temática da aula em questão.

Será abordado, ao longe das aulas, a reflexão da antropologia sobre a política, que tem evoluído numa fase em que privilegiava a estrutura e a organização, até uma em que dá ênfase aos processos e actividades políticos, com um lugar de destaque para o conflito. São sempre feitas referências ao trabalho de terreno dos respectivos autores.

As tipologias de sistemas (ou organizações) políticos constituem um tema fundamental. Ponto de partida é a tipologia de Evans-Pritchard e Fortes, por um lado pela sua grande importância na evolução da antropologia política, por outro lado porque a sua classificação em 'com e sem estado' meio século depois ainda inspira as obras de vários autores. Muitas das outras tipologias de fenómenos políticos têm, aliás, convergências com a de Evans-Pritchard e Fortes, dado que têm África como referência, e que classificam organizações, e não processos, políticas. Obviamente há excepções. Uma delas, também extensivamente tratada, é a análise de Sahlins (1963) sobre as zonas do Oceano Pacífico.

Tal como na abordagem de Radcliffe-Brown, no esquema da matéria a tratar, se dividem as actividades da política nas que se relacionam com a ordem social interna e nas que regulam as relações externas. Várias são as instituições e os processos, no seu enquadramento social e cultural, aqui contemplados, entre os quais tensões, conflito e violência.

A 'desigualdade' será, para além de uma abordagem geral, analisada no caso de dois tipos de sociedades, muitas vezes consideradas como opostas neste respeito. São elas os 'bandos' por um lado, e as baseadas em castas por outro lado. A sua análise permitirá, de novo, constatar que a realidade é mais subtil do que os esquemas. Outro tema, o da desigualdade sexual, é também tratado - de resto, género é um tópico de interesse em muitas aulas.

Convém acrescentar algumas observações sobre os casos, que são fundamentais em todas as aulas. Estes incluem alguns dos clássicos; há uma nítida concentração geográfica em África e Oceânia. São destas zonas, as mais contempladas pelos antropólogos, que originam os casos mais ilustrativos e conhecidos. É o caso, por exemplo, dos Nuer: é estimulante a comparação entre a descrição por Evans-Pritchard, a discussão de Gluckman dos aspectos políticos, - e, ainda, a pesquisa de Sharon Hutchinson sobre os Nuer dos anos 1980, envolvidos numa guerra de grande escala, e

num processo de monetarização. A confrontação com o colonialismo está relativamente bem documentada no que diz respeito a África. Em relação à Oceânia, existe uma vasta literatura sobre liderança e troca. Como não poderia deixar de ser, incluo também alguns casos sobre a zona cujas culturas e história me são mais familiares, o Sudeste Asiático.

Segue-se agora o esquema dos assuntos principais que são tratados.

No ponto 8 apresentaremos a forma como estes são programados no decorrer das aulas.

CONTEÚDO DA DISCIPLINA

PRIMEIRA PARTE: Antropologia económica

Capítulo I

Antropologia económica: Uma visão panorâmica

- I. 1 Precusores da antropologia económica
- I. 2 Formalistas e substantivistas
- I. 3 A corrente francesa de inspiração marxista
- I. 4 Os grandes debates contemporâneos

Capítulo II

Processos económicos e relações sociais

II. 1 Produção

II. 1.1 O aspecto físico

II. 1.2 O aspecto social

II. 2 Distribuição

II. 2.1 O esquema de Polanyi e as adaptações de Sahlins

II. 2.1.1 Tipos de reciprocidade e relações sociais

II. 2.1.2 Redistribuição e desigualdade

II. 2.1.3 Troca comercial; mercado e moeda

II. 3 Consumo

II. 3.1 Consumo, 'commodity' e comensalidade

Capítulo III

Contactos entre sistemas económicos

III. 1 Relações comerciais

III. 2 Colonialismo e imperialismo

III. 3 Processos de: monetarização, comodificação, 'peasantization'

III. 4 Articulação de modos de produção: os prós e os contras desta abordagem

SEGUNDA PARTE: antropologia política

Capítulo IV

Antropologia política e o seu objecto de estudo

IV. 1 Breve história da antropologia política

IV. 2 Conceitos-chave: política, poder, autoridade, legitimidade, ordem e desordem

IV. 3 Símbolo e ritual na política

Capítulo V

Uma tipologia de organizações políticas

V. 1 Sociedades com organização estatal

V. 1.1 O Estado

V. 1.2 A chefia

V. 2 Sociedades sem Estado

V. 2.1. Sociedades com linhagens segmentária

V. 2.2. Organizações indiferenciadas

Capítulo VI

A regulação política; interna e externa

VI. 1 A ordem interna

VI. 1.1 Meios para manter e perturbar a ordem. O direito. O factor religião. A magia

VI. 1.2. Caracterização de conflitos

VI. 1.3. Resolução de conflitos e reinstauração da ordem

VI. 2 Relações externas

VI. 2.1. Coexistência pacífica e com conflito

VI. 2.2. A diplomacia. A guerra

Capítulo VII

Igualdade e desigualdade

VI. 1 Igualdade e igualitarismo

VI. 1.1 Exemplo: os bandos

VI. 2 Desigualdade

VI. 2.1 O sistema das castas

VI. 2.2 Desigualdade baseada em género

8. Programação das aulas

Nas 15 semanas de aulas por semestre, são previstas duas aulas semanais de antropologia, cada aula com a duração de duas horas.

Apesar da existência na disciplina de dois temas centrais, a antropologia económica e a antropologia política, o programa, na prática, não pode ser rigorosamente dividido em dois. Muitos dos assuntos e conceitos tratados nessas aulas podem ser encarados numa perspectiva tanto económica como política. Nalgumas das aulas sobre fenómenos económicos é mesmo necessário contemplar assuntos de política, em função de uma boa compreensão da matéria. É, portanto, errada a ideia de que se dedica mais tempo à economia do que à política, que poderia resultar duma inspecção rápida do programa, em termos de aulas leccionadas.

Mais ou menos no meado do período lectivo, três aulas desempenham o papel de charneira transitiva da parte predominantemente económica para a política. Nestas aulas abordam-se processos de distribuição relacionados com liderança. É dado destaque ao fenómeno 'big man', cuja posição política é derivada, em parte, de práticas económicas.

Na programação reflectem-se alguns pontos metodológicos. O mesmo tema pode ser abordado várias vezes, duma perspectiva diferente. Este 'feed back' também pode levar-nos a uma reconsideração da matéria de Antropologia Geral II, do primeiro ano. Assim, surgem de novo nas aulas o kula, o potlatch, os Nuer, e vários antropólogos de renome.

Não há uma constante alternância entre as aulas teóricas e as práticas. Optei por uma maior flexibilidade, por razões didácticas associadas ao desenrolar da matéria. Como já referido, não há uma diferença absoluta entre aulas 'teóricas' e 'práticas'. Evidentemente, os alunos recebem a calendarização atempadamente.

A bibliografia consiste em:

- bibliografia básica, cuja estudo é obrigatório.

As obras introdutórias gerais que aqui se encontram, incluem uns capítulos dos livros de Bernardi e de Custódio Gonçalves, - dos quais outras partes já foram estudados no primeiro ano -; e também partes das obras gerais de Viveló e

Winthrop, que fornecem uma certa complementaridade. Para além disso, há textos que tratam alguns tópicos específicos, e que podem ser considerados como fundamentais. Em total são 300 páginas.

- obras «de referência», aconselhável para os alunos lerem e estudarem;
- a bibliografia «para trabalhos». Os alunos devem ter uma ideia das noções elementares dos artigos principais, salientadas nas aulas, e em parte elaborada pela docente no relatório (ver Anexo II)

Quase todas as obras bibliográficas se encontram na biblioteca da Universidade da Beira Interior. As outras são postas à disposição pela docente.

PROGRAMA DETALHADO DAS AULAS

AULA I

Introdução

Apresentação do programa;

Esclarecimento do mesmo; as continuidades, e as diferenças, com as duas disciplinas de antropologia do primeiro ano (Antropologia Geral I e Antropologia Geral II).

Eventuais expectativas e sugestões dos alunos.

Critérios de avaliação dos conhecimentos: discussão e definição.

Organização das aulas em que haverá apresentações dos alunos (distribuição das tarefas).

AULA 2

Antropologia económica: Uma visão panorâmica

A noção do 'económico': perspectivas da antropologia.

O objecto de estudo da antropologia económica.

Algumas obras clássicas da antropologia e a sua abordagem do 'fenómeno económico'.

O desenvolvimento (evolução) da antropologia económica - as abordagens formalistas e substantivistas.

Bibliografia

básica

Bernardi, Bernardo

1982 Introdução aos estudos etno-antropológicos. Lisboa: Edições 70. [1974.] Pp. 357-384.

Valensi, Lucette

1978 'História e antropologia económica: a obra de Karl Polanyi'. Em: W.G.L. Randles, Nathan Wachtel e outros (orgs.), Para uma história antropológica. A noção de reciprocidade, pp. 13-26. Lisboa: Edições 70. [1974]

de referência

Malinowski, Bronislaw

1987 Argonauts of the Western Pacific. London: Routledge. [1922.]

Mauss, Marcel

1988 Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Edições 70. [1923.]

Weiner, Annette

1976 Women of value, men of renown; New perspectives in Trobriand exchange. Austin: University of Texas Press.

Winthrop, Robert H.

1991 Dictionary of concepts in cultural anthropology. Westport: Greenwood Press. Verbetes 'economy', pp. 87-89.

AULA 3

Processos económicos: 1. produção

Produção e as suas dimensões

a. físicas (meios de produção). Destaque para a ecologia humana - a relação entre grupos humanos e o ambiente físico -, utilizando o exemplo das sociedades de caçadores - recolectores.

b. sociais. Divisão de trabalho: os vários critérios. Dá-se ênfase à divisão sexual, e à divisão por idade.

Bibliografia

básica

Bernardi 1982 pp. 364-371.

Vivelo, Frank Robert

1978 Cultural anthropology handbook; A basic introduction. New York etc.: MacGraw-Hill. pp. 126-133.

de referência

Brightman, Robert

1996 'The sexual division of foraging labor: Biology, taboo, and gender politics', Comparative Studies in Society and History 38: 687-729.

Chandrasekhar, C.P.

1997 'The economic consequences of the abolition of child labour: An Indian case study', Journal of Peasant Studies 24 (April): 137-179.

Clastres, Pierre

1976 'Préface', em: Marshall Sahlins, Âge de pierre, âge d'abondance, pp. 11-30. Paris: Gallimard.

Durkheim, Émile

1977 A divisão do trabalho social. Lisboa: Editorial Presença. [1893.]

Halstead, Paul e John O'Sea

1989 'Introduction: cultural responses to risk and uncertainty', em Bad year economics, pp. 1-7. Cambridge: Cambridge University Press.

Jolly, Margaret e Martha MacIntyre (orgs.)

1989 Family and gender in the Pacific: Domestic contradictions and colonial impact. Cambridge: Cambridge University Press.

Winthrop 1991. Verbetes 'adaptation'; 'cultural ecology'; 'materialism'.

para trabalhos

1. Produção: O caso dos caçadores-recolectores.

Headland, Thomas

1990 'Time allocation, demography, and original affluence in a Philippine negrito hunter-gatherer society.' Paper presented at the 6th International Conference on Hunting and Gathering Societies. Fairbanks, Alaska. 10 pp.

Ichikawa, Mitsuo

1996 'The co-existence of man and nature in the African Rain Forest', em: Roy Ellen e Katsuyoshi Fukui (orgs.), Redefining nature: Ecology, culture and domestication, pp. 467-492. Oxford: Berg.

Sahlins, Marshall

1976 'La première société d'abondance', em Âge de pierre, âge d'abondance, pp. 37-81. Paris: Gallimard. [1972.] (1 ou 2 pessoas)

Shnirelman, Victor A.

1996 'Cherchez le chien: Perspectives on the economy of the traditional fishing-oriented people of Kamchatka', em: Ernest S. Burch, Jr e Linda J. Ellanna (orgs.), Key issues in hunter-gatherer research, pp. 169-188. Oxford: Berg. [1994.]

2. Divisão de trabalho

a. divisão sexual:

Estioko-Griffin, Agnes

1985 'Women as hunters: the case of an Eastern Cagayan Agta group', em: P. Bion Griffin e Agnes Estioko-Griffin (orgs.), The Agta of Northeastern Luzon: Recent Studies, pp. 18-32. Cebu City: San Carlos Publications.

Fogelberg, Teresa

1981 'Fact and fiction of the work of Nanumba women and men', em Nanumba women: working bees or idle bums? pp. 45-70. Leiden: ICSS.

Labode, Modupe

1993 'From Heathen Kraal to Christian Home: Anglican Mission Education and African Christian Girls, 1850-1900', em: Fiona Bowie, Deborah Kirkwood e Shirley Ardener (orgs.), Women and Missions: Past and Present, pp. 126-144. Oxford: Berg.

McCreedy, Marion

1996 'The arms of the Dibouka', em: Ernest S. Burch, Jr e Linda J. Ellanna (orgs.), Key issues in hunter-gatherer research, pp. 15-34. Oxford: Berg. [1994.]

Schouten, M.J.C.

1996 'Socialization for domesticity: the reception of a European doctrine among Southeast Asian women', Anais Universitários da Universidade da Beira Interior, número especial, pp. 265-283.

b. divisão por idade:

- Jones, Nicholas Blurton, Kristen Hawkes, e Patricia Draper
 1996 'Differences between Hadza and !Kung children's work: Original affluence or practical reason?', em: Ernest S. Burch, Jr e Linda J. Ellanna (orgs.), Key issues in hunter-gatherer research, pp. 189-215. Oxford: Berg. [1994.]
- Nieuwenhuys, Olga
 1994 Children's lifeworlds; Gender, welfare and labour in the developing world. London: Routledge. Deste livro
 a. Capít. IV 'Poomkara's small fry', pp. 86-120.
 b. Capít. V 'Hanging by a thread; coir making girls', pp. 121-152

AULA 4**Processos económicos: 2. distribuição (circulação) : conceitos, modelos e teorias**

O conceito 'reciprocidade'.

O esquema de Polanyi (reciprocidade, redistribuição e troca comercial).

Os tipos de reciprocidade segundo Sahlins, e as suas correlações com 'proximidade'.

Redistribuição (o Estado; centro e periferia; o conceito de 'levelling mechanisms').

As críticas possíveis: deficiências dos modelos; sugestões recentes.

Bibliografia**básica**

Bernardi 1982 pp. 371-375.

Carrier, James G.

1996 'Maussian Occidentalism: Gift and Commodity systems', em: James G. Carrier (org.), Occidentalism: Images of the West, pp. 85-107. Oxford: Oxford University Press. [1995.]

de referência

Davis, John

1996 'An anthropologist's view of exchange', Social Anthropology 4: 213-226.

Godbout, Jacques T.

1997 O espírito da dádiva. Segunda parte: 'Do dom arcaico ao dom moderno', pp. 143-237. Lisboa: Instituto Piaget. [1992.]

Mauss, Marcel

1988 Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Edições 70. [1923.]

Sahlins, Marshall

1976 'De la sociologie de l'échange primitif', em Âge de pierre, âge d'abondance, pp. 237-292. Paris: Gallimard. [1972.]

Strathern, Marilyn

1988 The gender of the gift; Problems with women and problems with society in Melanesia. Berkeley: University of California Press.

AULA 5**Textos: tema «the first affluent society».**

O texto homónimo de Sahlins é o ponto de partida; as críticas e nuances dos outros autores.
(ver bibliografia de aula 3, no. 1.)

AULA 6**Textos: divisão de trabalho em sociedades de caça e recollecção.**

Com um tema diferente, continuamos no ambiente de 'foraging societies', com um grupo étnico (os Agta) que também foram objecto de discussão na aula anterior.
(ver bibliografia de aula 3, no. 2a e 2b: Estioko-Griffin; McCreedy; Jones - Hawkes - Draper.)

AULA 7**Textos: divisão de trabalho, vários aspectos.**

O grande tema é igual ao da aula anterior; mas trata-se de outros tipos de sociedades, também dando ênfase ao papel da missionação e educação tipo Ocidental.
(ver bibliografia de aula 3, no. 2a e 2b: Fogelberg; Schouten; Labode; Nieuwenhuys).

AULA 8**Processos económicos: 2. distribuição (cont.)****Formas de circulação: A troca comercial.**

O mercado como local e como sistema;

O conceito de moeda;

Tipos de moeda em várias sociedades (os Tiv, os Baruya, os Tolai).

Monetarização e 'commoditization'.

'Moeda' e 'commodity' nos seus contextos culturais e situacionais.

Commodity: A importância da procura e da oferta.

Bibliografia**básica**

Bernardi 1982 pp. 377-381.

Godelier, Maurice

[1973] 'Moeda de sal e circulação de mercadorias entre os Baruya de Nova Guiné', Horizontes da antropologia, pp. 271-300. Lisboa: Edições 70.

de referência

Acheson, James M. (org.)

1994 Anthropology and institutional economics. Lanham, Md.: University Press of America.

Alexander, Jennifer e Paul Alexander

1995 'Commodification and consumption in a Central Borneo community', Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 151: 179-193.

Appadurai, Arjun (org.)

1986 The social life of things: Commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, nomeadamente o artigo de Igor Kopytoff, 'The cultural biography of things: commoditization as process', (pp. 64-91).

Crump, Thomas

1990 'Money', em The anthropology of numbers pp. 92-102. Cambridge: Cambridge University Press.

Douglas, Mary e Baron Isherwood

1996 The world of goods: Towards an anthropology of consumption. London: Routledge. [1979.]

Epstein, T. Scarlett

1968 Capitalism, primitive and modern. Michigan State University Press.

House-Midamba, Bessie e Felix K. Ekechi (orgs.)

1995 African market women and economic power: The role of women in African economic development. Westport: Greenwood Press.

Parry, Jonathan e Maurice Bloch (orgs.)

1989 Money and the morality of exchange, Cambridge: Cambridge University Press.

Schrader, Heiko

1994 'Professional moneylenders and the emergence of capitalism in India and Indonesia', International Sociology 9, 2: 185-208.

para trabalhos

Bloch, Maurice

1989 'The symbolism of money in Imerina', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 165-190. Cambridge: Cambridge University Press.

Carsten, Janet

1989 'Cooking money: gender and the symbolic transformation of means of exchange in a Malay fishing community', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 117-141. Cambridge: Cambridge University Press.

Gell, Alfred

1986 'Newcomers to the world of goods: consumption among the Muria Gonds', em: Arjun Appadurai (org.), The social life of things: commodities in cultural perspective, pp. 110-138. Cambridge: Cambridge University Press.

Russell, Susan

1992 'Institutionalizing opportunism: Cheating on baby purse seiners in Batangas Bay, Philippines', em: James M. Acheson (org.), Anthropology and institutional economics pp. 87-108. Lanham, Md.: University Press of America.

Stirrat, R.L.

1989 'Money, men and women', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 94-116. Cambridge: Cambridge University Press.

Toren, C.

1989 'Drinking cash: the purification of money through ceremonial exchange in Fiji', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 142-164. Cambridge: Cambridge University Press.

AULA 9

Processos económicos: 3. Consumo.

O aproveitamento da produção;

1. Os vários tipos de 'fundos': subsistence fund, replacement fund, rent fund (Wolf, a sua abordagem de 'peasants'), establishment fund (Fegan).
2. Consumo e 'comensalidade': o papel de kava nas ilhas do Pacífico; betel em várias zonas da Ásia; tipos de bebidas na Europa.
3. Consumo e estatuto social: consumo conspícuo; a atitude em relação a bens recém-introduzidos. McDonaldisation como variante de 'globalização'?

Bibliografia

básica

Bernardi 1982 pp. 381-383.

Wolf, E.R.

1970 Sociedades camponesas. pp. 17-24. Rio de Janeiro: Zahar editores. [1966.]

de referência

Becker, Anne E.

1995 Body, self and society; The view from Fiji. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Douglas, Mary (org.)

1987 Constructive drinking; Perspectives on drink from anthropology, Cambridge: Cambridge University Press.

Fegan, Brian

1982 'The social history of a Central Luzon Bairro', em: Alfred W. McCoy e Ed. C. de Jesus (orgs.), Philippine social history; Global trade and local transformations, pp. 91-129. (esp. pp. 95-96.) Manila / Sydney. [ASAA no. 7.]

Robison, Richard e David S.G. Goodman (orgs.)

1996 The new Rich in Asia; Mobile phones, McDonald's and middle-class revolution. London: Routledge.

para trabalhos

Crump, Thomas

1987 'The alternative economy of alcohol in the Chiapas highlands', em: Mary Douglas (org.), Constructive drinking: Perspectives on drink from anthropology, pp. 239-249. Cambridge: Cambridge University Press.

Leeuwen, Lizzy van

1997 'Being rich in Jakarta, 1994; A mother and two daughters', em: Henk Schulte Nordholt (org.), Outward appearances: Dressing state and society in Indonesia, pp. 339-362. Leiden: KITLV Press.

Rehfishch, Farnham

1987 'Competitive beer drinking among the Mambila', em: Mary Douglas (org.), Constructive drinking: Perspectives on drink from anthropology, pp. 135-145. Cambridge: Cambridge University Press.

Rudie, Ingrid

1995 'The significance of "eating": cooperation, support, and reputation in Kelantan Malay households', em: Wazir Jahan Karim (org.), 'Male' and 'female' in developing Southeast Asia, pp. 227-245. Oxford: Berg.

AULA 10**A economia de mercado e o seu encontro com outras economias**

Algumas noções sobre a expansão europeia, nomeadamente a expansão do sistema de mercado global.

Colonialismo nas suas várias formas; Imperialismo.

O conceito de Modo de Produção (Marx), com destaque para

a. O Modo de Produção Asiático, e teorias elaboradas sob a sua influência (ex. de Wittfogel); as críticas.

b. 'Capitalismo' como sistema, atitude e comportamento.

A abordagem de 'articulação de modos de produção'.

Alguns autores da escola francesa de inspiração marxista.

Comentários.

(Continua-se com esta matéria, com apoio de textos, na aula 14).

bibliografia**básica**

Godelier, Maurice

1992 'Espelho meu, espelho meu... O papel da antropologia no passado e no futuro: uma avaliação provisória', Ler História 23: 101-116.

de referência

Acheson, James M. (org.)

1994 Anthropology and institutional economics. Lanham, Mld.: University Press of America.

Booth, David

1985 'Marxism and development sociology: Interpreting the Impasse', World Development 13-7: 761-787.

Fegan, Brian

1982 'The social history of a Central Luzon Bairro', em: Alfred W. McCoy e Ed. C. de Jesus (orgs.), Philippine social history: Global trade and local transformations, pp. 91-129. Manila / Sydney. [ASAA no. 7.]

Firth, Raymond

1966 Malay fishermen: Their peasant economy. London: Routledge. [1946.]

Godelier, Maurice

1988 'A antropologia económica', em: Jean Copans e outros (orgs.). Antropologia, ciência das sociedades primitivas? pp. 143-189. [1971].

Weber, Max

1983 A ética protestante e o espírito do capitalismo. Lisboa: Editorial Presença. [1905.]

Winthrop 1991. Verbetes 'mode of production'; 'peasantry'

Wolf, Eric R.

1982 Europe and the people without history. Berkeley: University of California Press.

para trabalhos

Clarence-Smith, W.G.

1992 'Planters and smallholders in Portuguese Timor in the nineteenth and twentieth centuries', Indonesia Circle 57: 15-29.

Ferreira, Eduardo Sousa

1985 'A lógica da consolidação da economia de mercado em Angola, 1930-1974', Análise Social 85: 83-110.

Heimer, Franz-Wilhelm

1983 'Sobre a articulação dos modos de produção em Angola. Uma nova metodologia', Análise Social 77-78-79: 1091-1100.

Schouten, M.J.C.

1993 'Colonial constraints and economic transformations: 19th century Minahasa', em Minahasan metamorphoses, pp. 51-72. Covilhã: UBI.

Schouten, M.J.C.

1993 'Monetarization and differentiation (c. 1890-1942)', em Minahasan metamorphoses, pp. 164-181. Covilhã: UBI.

AULA 11

□

Textos sobre moeda, monetarização e 'commoditization'

□

Com o apoio de exemplos, referem-se os significados e vários papéis de 'moeda' e de commodities.

(ver bibliografias aulas 8 e 9)

AULA 12**Textos sobre consumo e comensalidade**

Nesta sessão, que dá continuidade à sessão anterior, salienta-se o papel do consumo em convívio, como modo de estabelecer e reforçar laços interpessoais e intergrupais.

(ver bibliografias aula 9)

AULA 13**Antropologia económica e a sua relevância**

Retrospectiva geral sobre antropologia económica.

'Troca' e 'reciprocidade': fenómenos que não se limitam à vida económica.

Commodity versus dádiva, e 'gift societies' versus 'commodity societies': Oposições reais?

A função económica e social da dívida.

Bibliografia**de referência**

Davis, John

1996 'An anthropologist's view of exchange', Social Anthropology 4: 213-226.

Carrier, James G.

1996 'Maussian Occidentalism: Gift and Commodity systems', em: James G. Carrier (org.), Occidentalism: Images of the West, pp. 85-107. Oxford: Oxford University Press. [1995.]

Reid, Anthony (org.)

1983 Slavery, bondage and dependency in Southeast Asia. New York: St. Martin's Press.

AULA 14**Textos sobre colonialismo, imperialismo e articulação de modos de produção**

Com casos do colonialismo português e holandês, reflecte-se sobre a aplicação do conceito de articulação de modos de produção.

(bibliografia aula 10)

PARTE TRANSITÓRIA

AULA 15

Formas de troca e relações de poder.

A relação entre ecologia, economia e política (formas de distribuição/ troca e tipos de liderança),
a. nos casos de Melanésia e de Polinésia. Exposição da tipologia de Sahlins acerca desta matéria.
Comentários.

b. no caso de 'eastern highlands' e 'western highlands' de Papua Nova Guiné.
'Big man'; 'great man'; 'paramount chief' (Trobriand).

Bibliografia

básica

Godelier, Maurice

1986 The making of great men; Male dominance and power among the New Guinea Baruya. pp. 227-237. Cambridge: Cambridge University Press [1982.]

Sahlins, Marshall

1963 'Poor man, rich man, big-man, chief: political types in Melanesia and Polynesia',
Comparative Studies in Society and History 5: 285-303.

Schouten, Maria Johanna Christina

1993 'Feasts of merit: Showing and sharing', em Minahasan metamorphoses, pp. 22-26.
Covilhã: UBI.

Strathern, Marilyn

1991 'Introduction', em: Maurice Godelier e Marilyn Strathern (orgs.) Big men and great men; Personifications of power in Melanesia, pp. 1-4. Cambridge University Press.

de referência

Bakel, Martin A. van, e outros (orgs.)

1986 Private politics; A multi-disciplinary approach to 'big-man' systems. Leiden: Brill.

Feil, D.K.

1987 The evolution of Highland Papua New Guinea Societies. Cambridge: Cambridge University Press.

Feinberg, Richard, e Karen Ann Watson-Gegeo (orgs.)

1996 Leadership and change in the Western Pacific: Essays presented to Sir Raymond Firth on occasion of his 90th birthday. London School of Economics Monographs on Social Anthropology. London: Athlone.

Godelier, Maurice, e Marilyn Strathern (orgs.)

1991 Big men and great men; Personifications of power in Melanesia. Cambridge: Cambridge University Press.

para trabalhos

Beatty, Andrew

1991 'Ovasa: Feasts of merit in Nias', Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 147: 216-235.

AULA 16

Filme 'Ongka's big moka' -- Andrew Strathern

No debate que se segue, os temas a abordar são, para além do fenómeno 'big man': a divisão sexual do trabalho, o status social dos sexos, as mudanças em sociedades 'tribais' provocadas por contactos com frameworks entidades mais abrangentes (económicos, políticos ou religiosos).

Bibliografia

de referência

Gnecchi-Ruscone, Elisabetta

1997 'Changing feasts; Church day as transformation of vasái', em: Ton Otto e Ad Borsboom (orgs), Cultural dynamics of religious change in Oceania, pp. 23-32. Leiden: KITLV Press.

Strathern, Andrew

1971 The rope of moka. Big-men and ceremonial exchange in Mount Hagen, New Guinea. Cambridge: Cambridge University Press.

Strathern, Marilyn

1972 Women in between; Female roles in a male world. London: Academic Press.

AULA 17

Tipos de liderança e distribuição

A temática das aulas anteriores, centradas no big man como exemplo da relação entre líder e distribuição, será retomada, focando vários tipos de liderança.

A 'festa' ('feast') como investimento político. Vários exemplos, entre eles o potlatch e os 'festivais de mérito' em sociedades do Sudeste Asiático.

As festas religiosas e os 'levelling mechanisms'.

Rei, chefe, big-man, primus inter pares.

Poder, autoridade, legitimidade.

Bibliografia

básica

Bernardi 1982 348-352.

Sahlins, Marshall

1963 'Poor man, rich man, big-man, chief: political types in Melanesia and Polynesia', Comparative Studies in Society and History 5: 285-303.

para trabalhos

Bakel, Martin A. van

1986 'Early Samoan leadership between ascribed and achieved', em: M. van Bakel e outros (orgs.), Private politics, pp. 96-104. Leiden: Brill.

Schouten, M.J.C.

1995 'Wa'ilan and bos: Status seeking in Minahasa', em: Reimar Schefold (org.), Minahasa past and present: tradition and transition in an outer island region of Indonesia, pp. 7-21. Leiden: Research School CNWS.

Schouten, M.J.C.

1993 'Dynamics of local leadership: the 1970s and 1980s', em Minahasan metamorphoses, pp. 231-262. Covilhã: UBI.

AULA 18

Antropologia política e o seu objecto de estudo

Após as várias ocasiões nas aulas anteriores que se debruçaram sobre aspectos de 'política', nesta aula o mesmo vai acontecer de forma mais focada. Assim, vão ser tratadas algumas questões e conceitos básicos.

A política. Várias definições e abordagens.

Poder e autoridade.

Reciprocidade e obrigações.

Antropologia política, politologia e filosofia política.

Breve história da antropologia política.

Sinopse de aspectos das aulas anteriores relacionados com o político: Estado, modos de produção, imperialismo (recapitulação).

bibliografia

básica

Bernardi, Bernardo

1982 Introdução aos estudos etno-antropológicos, pp. 307-356. Lisboa: Edições 70. [1974.]

- Gonçalves, A. Custódio
 1992 Questões de antropologia social e cultural, pp. 155-168. Porto: Edições Afrontamento.
- Radcliffe-Brown, A.R.
 1981 'Prefácio', em: Meyer Fortes e E.E. Evans-Pritchard (orgs.), Sistemas políticos africanos, pp 3-24. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1940.]

de referência

- Abélès, Marc
 1990 Anthropologie de l'État, pp. 9-61. Paris: Armand Colin.
- Balandier, Georges
 1987 Antropologia política, pp. 15-58. Lisboa: Editorial Presença. [1967.]
- Lewellen, Ted C.
 1992 Political anthropology; an introduction, pp. 7-20. Westport: Bergin & Garvey.
- Henry, Christine
 1994 Les îles où dansent les enfants défunts; Âge, sexe et pouvoir chez les Bijojo de Guinée Bissau. Paris: CNRS-Éditions / Maison des Sciences de l'Homme.
- Scott, James C.
 1985 Weapons of the weak; Everyday forms of peasant resistance. New Haven: Yale University Press.
- Seaton, S. Lee e H. Claessen (orgs.)
 1979 Political anthropology; The state of the art. The Hague: Mouton.

AULA 19

Textos sobre festivais de status, o fenómeno 'big man', e o debate acerca desses tópicos.

(ver bibliografia aulas 15 e 17)

AULA 20

**Tipologias de organizações políticas;
 Sistemas políticos centralizados**

Sistemas políticos: algumas tipologias.

Sistemas políticos centralizados.

O Estado; características.

Vários tipos de Estado.

Poder, autoridade, legitimidade e ideologia no contexto do Estado.

As bases religiosas e míticas do poder: os casos de Hawaii pré-colonial, Bali pré-colonial, e a Indonésia contemporânea.

A 'patrimonial bureaucracy' (Weber) e a 'Asiatic Mode of Production' (Marx).

O rei divino.

(Este matéria também vai ser desenvolvida, com apoio de estudos de caso, na aula 25).

Bibliografia

básica

- Vivelo 1978 pp. 134-148
Bernardi 1982 pp. 342-348.

de referência

- Balandier, Georges
1987 Antropologia política, Capítulo VI (pp. 127-159.)
Fortes, Meyer e E. Evans-Pritchard (orgs.),
1981 Sistemas políticos africanos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1940.]
Geertz, Clifford
1980 Negara: The theatre state in nineteenth-century Bali. Princeton N.J.: Princeton University Press.
Godelier, Maurice
s.d. 'O conceito de "formação económica e social": O exemplo dos Incas', em: Horizontes da antropologia, pp. 123-130. Lisboa: Edições 70. [1973.]
Reid, Anthony
1988 'Justice and law', em Southeast Asia in the age of commerce, 1450-1680. Vol. 1: The lands below the winds, pp. 137-146. New Haven and London: Yale University Press.
Schulte Nordholt, Henk
1996 The spell of power; A history of Balinese politics 1650-1940. Leiden: KITLV Press.
'Introduction' (pp. 1-17); 'The rise of Mengwi, 1700-1770' (pp. 19-77); 'From fluidity to fixation' (pp. 331-339).
Tambiah, Stanley Jeyaraja
1985 Culture, Thought and Social Action: An Anthropological perspective, Cambridge, Mass. : Harvard University Press.
Winthrop 1991. Verbetes 'chiefdom'; 'state'.

para trabalhos

- Chrétien, Jean-Pierre
1978 'Hierarquias e trocas nos reinos dos grandes lagos do Leste Africano', em: W.G.L. Randles, Nathan Wachtel e outros (orgs.), Para uma história antropológica. A noção de reciprocidade, pp. 39-57. Lisboa: Edições 70. [1974.]
Oberg, K.
1981 'O reino dos Ankole no Uganda', em: Meyer Fortes e E.E. Evans-Pritchard (orgs.), Sistemas políticos africanos, pp. 227-293. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1940.]

Schulte Nordholt, N.G.

1980 'The Indonesian elections: A national ritual', em: R. Schefold, J.W. Schoorl e J. Tennekes (orgs), Man, meaning and history. Essays in honour of H.G. Schulte Nordholt, pp. 179-203. The Hague: Martinus Nijhoff.

Wachtel, Nathan

1978 'A reciprocidade e o Estado Inca: De Karl Polanyi a John V. Murra', em: W.G.L. Randles, Nathan Wachtel e outros (orgs), Para uma história antropológica. A noção de reciprocidade, pp. 75-92. Lisboa: Edições 70. [1974.]

AULA 21

Desigualdade I

Em duas aulas este tema é abordado, com alguns exemplos

Algumas noções sobre estratificação e mobilidade social.

Estratificação e parentesco; dinastias e clãs.

Os graus de idade ou 'age sets'

Diferenciação e estratificação; o exemplo do sistema de castas.

O mito como forma de legitimização; outras formas de legitimização.

Bibliografia

básica

Bernardi 1982, pp. 336-337.

de referência

Balandier

1987 'Estratificação social e poder', em Antropologia política, pp. 85-103. Lisboa: Ed. Presença.

Kapadia, Karin

1995 Siva and her sisters: Gender, caste and class in rural South India. Boulder: Westview Press.

Perez, Rosa Maria

1996 'Corpos impuros; mulheres e intocáveis na Índia', em: Miguel Vale de Almeida (orgs.), Corpo presente, treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Oeiras: Celta Editora.

Rudner, David West

1994 Caste and capitalism in Colonial India; The Nattukottai Chettars. Berkeley: University of California Press.

Winthrop 1991. Verbetes 'caste'; 'inequality'.

Para trabalhos

Perez, Rosa Maria

1994 Reis e intocáveis: Um estudo do sistema de castas no Noroeste da Índia. Oeiras: Celta.

Deste livro:

- a. Parte I. pp. 9-47;
- b. Parte II. pp. 51-95.

AULA 22

Desigualdade II

(Continuação da temática de aula 21)

Relações entre grupos étnicos e entre grupos religiosos; Perspectivas históricas.

'Grupo étnico': um conceito problemático.

Os casos de Rwanda e Burundi (Hutu e Tutsi).

Desigualdade entre sexos.

'Muted groups' e 'muted cultures'

(Este matéria vai ser tratada de novo, com apoio de estudos de caso, na aula 26).

Bibliografia

de referência

Anderson, Benedict

1993 Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism. London: Verso. [1983.]

Gailey, Christine Ward

1987 Kinship to kingship: Gender hierarchy and state formation in the Tongan Islands. Austin: University of Texas Press.

Winthrop 1991. Verbete 'gender'.

para trabalhos

Lewellen, Ted C.

1992 'Women and power', em Political anthropology: an introduction, pp. 127-148. Westport: Bergin & Garvey.

Schrijvers, Joke

1986 'Make your son a king', em: Martin van Bakel, e outros (orgs.) Private politics, pp. 13-32. Leiden: Brill.

Lemoine, Jacques

1997 'Fonction et rébellion. La place de la femme à l'intérieur et à la périphérie du monde chinois', Social Anthropology 5: 255-275.

AULA 23**Igualdade e igualitarismo**

□

Trata-se a incidência e a aparência de 'igualdade',

a. em sociedades de caça e recoleção, em geral, e

b. nalgumas sociedades do Sudeste Asiático: horticultores, e caçadores e recolectores.

Bibliografia**básica**

Bernardi 1982 pp. 318-321.

Winthrop 1991. Verbete 'band'.

de referência

King, Victor T.

1991 'Cognition and rank in Borneo', em: Frans Husken e Jeremy Kemp (orgs.), Cognition and social organization in Southeast Asia, pp. 15-21. Leiden: KITLV Press.

1993 The peoples of Borneo. Oxford: Blackwell.

Marques Guedes, Armando

1997 'Representações religiosas e igualitarismo político entre os caçadores e recolectores Atta de Kalinga-Apayao, Filipinas', Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas 10: 123-153.

Rousseau, Jérôme

1990 Central Borneo: ethnic identity and social life in a stratified society. Oxford: Clarendon Press.

Woodburn, James

1982 'Egalitarian societies', Man 17: 431-451.

AULA 24**Tensões e conflitos**

Conflitos e a sua resolução.

1. Conflitos como inerente a qualquer ordenação política; a função de conflitos (Gluckman). Feudos.

2. Mecanismos para resolver conflitos em vários tipos de sociedades. O direito. O exemplo dos Nuer, com as abordagens de Evans-Pritchard e de Gluckman.

3. Violência e não-violência em sociedades de caçadores-recolectores.

4. Guerra.

Bibliografia**básica**

Gluckman, Max

1991 'The peace in the feud', em Custom and conflict in Africa. pp. 1-26. Oxford: Blackwell.
[1956.]

de referência

Chagnon, Napoleon

1983 Yanomamo: The fierce people. New York: Holt, Rhinehart and Winston. [1968.]

Evans-Pritchard, E.E.

s.d. Os Nuer. São Paulo: Estudos. [1940.]

Gluckman, Max

1991 Custom and conflict in Africa. Oxford: Blackwell. [1956.]

Haas, Jonathan (org.)

1990 The anthropology of war. Cambridge University Press.

Knauff, Bruce M.

1987 'Reconsidering violence in simple human societies; Homicide among the Gebusi of New Guinea', Current Anthropology 28: 457 ff.

Leach, Edmund R.

1990 Political systems of Highland Burma. A study of Kachin social structure. London: The Athlone Press. [1954.]

Winthrop 1991. Verbetes 'law'; 'war'.

AULA 25**Textos sobre o Estado**

(ver bibliografia aula 20)

AULA 26**Textos sobre desigualdade, focada no sistema de castas, e na posição de mulheres.**

(ver bibliografia aulas 21 e 22)

AULA 27

□

Religião e política; religião e economia

É realçado o aspecto 'religião' que implicitamente tem estado presente em várias aulas anteriores. Uma revisão da matéria dada sob uma perspectiva diferente.
 A base religiosa para constelações políticas e económicas.
 Capitalismo e calvinismo - algumas considerações.
 O sagrado e o político.
 O sistema de castas e o hinduismo.

Bibliografia**de referência**

Balandier, Georges

1987 'Religião e poder', em Antropologia política, pp. 105-126. Lisboa: Presença.

Bloch, Maurice

1989 'Symbols, song, dance and features of articulation: Is religion an extreme form of traditional authority?' em Ritual, History and Power, pp. 19-45. London: The Athlone Press.

Geschiere, Peter

1980 'Child-witches against the authorities of their elders; Anthropology and history in the analysis of witchcraft beliefs of the Maka (Southeast Cameroon)', em: R. Schefold, J.W. Schoorl, e J. Tennekes (orgs.), Man, meaning and history; Essays in honour of H.G. Schulte Nordholt, pp. 268-299. The Hague: Nijhoff.

Gregory, C.A.

1980 'Gifts to men and gifts to god: Gift exchange and capital accumulation in contemporary Papua', Man 15: 626-652.

Lewellen, Ted C.

1992 'Religion in politics', em Political anthropology, pp. 69-81. Westport: Bergin & Garvey.

AULA 28**Comércio e minorias comerciais; comércio e o papel de mulheres.**

Um caso actual em que são combinados elementos da antropologia económica (comércio, mercado) e da antropologia política (grupos com posições desiguais).

Bibliografia

□

de referência

□

Buchholt, Helmut

1995 'Sangle, Intsik y Sinos: La minoria étnica de los Chinos en las Filipinas', Estudios Geográficos 56: 477-496.

Falola, Toyin

1995 'Gender, business, and space control: Yoruba market women and power', em: Bessie House-Midamba e Felix K. Ekechi, African market women and economic power; The role of women in African economic development, pp. 23-40. Westport: Greenwood Press.

Heyzer, Noleen

1986 Working women in South-East Asia; development, subordination and emancipation. Milton Keynes and Philadelphia: Open University press.

Papanek, Hanna e Laurel Schwede

1988 'Women are good with money; Earning and managing in an Indonesian city', em D. Dwyer e J. Bruce (orgs.) A home divided; Women and income in the third world, pp. 71-98. Stanford University Press.**AULA 29****Filme:** os caçadores de baleia em Lamahera. (Indonésia).

(R.H. Barnes).

Debate.

Este filme regista nitidamente a "continuidade e mudança", nomeadamente nos aspectos económicos e religiosos desta aldeia piscatória. É mais interessante ainda porque se situa numa zona perto de Timor, várias vezes referido nas aulas.

Bibliografia**de referência:**

Barnes, R.H.

1996 'Lamakera, Solor: Ethnographic notes on a Muslim whaling village of Eastern Indonesia', Anthropos 91: 75-88.**AULA 30**

Este última aula é reservada para uma revisão geral.

9 Critérios de avaliação

Os alunos são avaliados ao nível da aquisição, compreensão e aplicação dos conhecimentos, e da sua capacidade de reflexão crítica sobre a matéria. Há vários momentos e formas de avaliação. Os mais importantes são

1. o teste escrito, que contempla a matéria exposta nas aulas, a bibliografia básica, e os pontos principais dos textos apresentados (indicados pela docente). São fornecidos alguns exercícios em preparação dos testes - que também servem para debate nas aulas (algumas questões estão incluídas em Anexo II).
2. o trabalho, a sua apresentação oral, e o comentário ao trabalho dum colega (ver acima, nº 6). Estes aspectos, junto com a participação nos debates, serve como base para a avaliação contínua.

A nota para cada um destes elementos conta 50% para a classificação final. Os alunos que obtenham, durante o semestre, uma classificação de 10 ou mais serão dispensados do exame final. Por outro lado, só se podem apresentar ao exame os alunos que obtiveram a menção de frequência (baseada nos trabalhos, na sua apresentação e comentários, e na assiduidade).

O regime de avaliação é definido - em diálogo com os alunos - na primeira aula, e impresso (ver Anexo II). Em princípio todas as capacidades em cima mencionadas são avaliadas tanto no teste escrito como na avaliação contínua.

Um exemplo dum teste é indicado a seguir:

Universidade da Beira Interior
Departamento de sociologia e comunicação social
Curso: licenciatura em sociologia
Disciplina: antropologia cultural I
Teste escrito
Duração 2 horas.

GRUPO I

"All states appeal to an ideology to justify their use of power and, thus, to validate their authority." (Vivelo 1978: 143)

" the work of [...] women is underestimated and negatively depicted, and the work of [...] men is overestimated and positively depicted. The fact that ideas are systematically twisted in the interest of one social category, i.e. men, can be regarded as an indication of power of that social category." (Fogelberg 1981: 71)

1. Explique os conceitos de poder; autoridade; ideologia.
2. Articule os conceitos atrás referidos com as seguintes noções:
 - 2.1. Estado (pode citar um exemplo concreto);
 - 2.2. Papéis sexuais (centre-se, especialmente, na citação de Fogelberg sobre as mulheres Nanumba do Gana).

GRUPO II

Harris (1987: 115-116) diz, sobre as formas de distribuição nos bandos:

"Boastfulness and acknowledgment of generosity are incompatible with the etiquette of reciprocal exchange."

Comente a frase acima citada, e compare-a com o fenómeno de "generosidade conspícua", enquadrando este último no seu contexto social.

GRUPO III

O que entende sobre a "construção social de moeda e de «commodities»"?
Dê um exemplo.

GRUPO IV

Segundo Rosa Maria Perez, na sociedade hindu de Gujarat (Índia) existe uma "intocabilidade permanente dos intocáveis" e uma "intocabilidade - à sua maneira também permanente - das mulheres".

1. Qual é a origem e quais são as consequências desta «intocabilidade» para cada uma destas categorias?
2. Como, na sua opinião, se relaciona o sistema de «castas» com «política»?

GRUPO V

"Today, community leaders are as likely to be in an office in the local administrative centre as in the village men's houses and their wealth more likely to be stashed in a bank in Port Moresby or Singapore, than accumulated as pigs, wives and cowries." (Colchester 1994: 87)

Esta citação aborda as mudanças recentes em relação aos "big men" (aqui denominados "community leaders") na Melanésia.

1. Explique sucintamente o conceito "big man".
2. Fazendo referências à citação de Colchester, ao filme "Ongka's big moka", e/ou algum exemplo discutido nas aulas ou ainda a qualquer outro apresentado na bibliografia, indique como mudanças recentes podem afectar a sua posição.

BIBLIOGRAFIA GERAL

NOTA

Esta lista contém apenas as obras mencionadas no relatório, e as que constam do programa das aulas (bibliografia básica, de referência, e para trabalhos).

- Abélès, Marc
1990 Anthropologie de l'État. Paris: Armand Colin.
- Acheson, James M. (org.)
1994 Anthropology and institutional economics. Lanham, Md.: University Press of America.
- Alexander, Jennifer e Paul Alexander
1995 'Commodification and consumption in a Central Borneo community', Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 151: 179-193.
- Anderson, Benedict R. O'G.
1972 'The idea of power in Javanese culture', em: Claire Holt (org.), Culture and politics in Indonesia, pp. 1-71. Ithaca, New York: Cornell University Press.
1993 Imagined communities; Reflections on the origin and spread of nationalism. London / New York: Verso. [1983.]
- Appadurai, Arjun
1986 (org.) The social life of things; Commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press.
1990 'Disjuncture and difference in the global political economy', em M. Featherstone (org.), Global culture: Nationalism, globalization and modernity. pp. 295-310. London: Sage.
- Areia, M. L. Rodrigues de
1997 'A etnicidade como processo: O caso de Angola', em: José Carlos Venâncio (org.), O desafio africano, pp. 27-43. Lisboa: Vega.
- Bakel, Martin A. van
1986 'Early Samoan leadership between ascribed and achieved', em: M. van Bakel e outros (orgs.), Private politics; A multi-disciplinary approach to 'big-man' systems, pp. 96-104. Leiden: Brill.
- Balandier, Georges
1987 Antropologia política. Lisboa: Editorial Presença. [1967.]
- Barnes, Rob
1996 Successful study for degrees. London: Routledge. [1992.]
- Barnes, R.H.
1996 'Lamakera, Solor: Ethnographic notes on a Muslim whaling village of Eastern Indonesia', Anthropos 91: 75-88.
- Barrass, Robert
1995 Students must write; A guide to better writing in coursework and examinations. London: Routledge.
- Barth, Fredrik
1997 'Economy, agency and ordinary lives', Social Anthropology 5: 233-242.

- Beatty, Andrew
1991 'Ovasa: Feasts of merit in Nias', Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 147: 216-235.
- Becker, Anne E.
1995 Body, self and society; The view from Fiji. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Bernardi, Bernardo
1982 Introdução aos estudos etno-antropológicos. Lisboa: Edições 70. [1974.]
- Bloch, Maurice
1989 'Symbols, song, dance and features of articulation: Is religion an extreme form of traditional authority?' em Ritual, History and Power, pp. 19-45. London: The Athlone Press. [1974.]
1989 'The symbolism of money in Imerina', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 165-190. Cambridge: Cambridge University Press.
- Booth, David
1985 'Marxism and development sociology: Interpreting the impasse', World Development 13: 761-787.
- Bradley, Harriet
1996 Fractured identities; Changing patterns of inequality. Cambridge: Polity Press.
- Brightman, Robert
1996 'The sexual division of foraging labor: Biology, taboo, and gender politics', Comparative Studies in Society and History 38: 687-729.
- Buchholt, Helmut
1995 'Sangley, Intsik y Sinos: La minoria étnica de los Chinos en las Filipinas', Estudios Geográficos 56: 477-496.
- Burch, Ernest S., Jr. e Linda J. Ellanna (orgs.)
1996 'Hunter affluence? Editorial', em Key issues in hunter-gatherer research, pp. 147-149. Oxford: Berg. [1994.]
- Carrier, James G. (org.)
1996 Occidentalism: Images of the West. Oxford: Oxford University Press. [1995.]
- Carsten, Janet
1989 'Cooking money: gender and the symbolic transformation of means of exchange in a Malay fishing community', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 117-141. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chagnon, Napoleon
1983 Yanomamó: The fierce people. New York: Holt, Rhinehart and Winston. [1968.]
- Evans-Pritchard, E.E.
s.d. Os Nuer. São Paulo: Estudos. [1940.]
- Chandrasekhar, C.P.
1997 'The economic consequences of the abolition of child labour: An Indian case study', Journal of Peasant Studies 24: 137-179.
- Chrétien, Jean-Pierre
1978 'Hierarquias e trocas nos reinos dos grandes lagos do Leste Africano', em: W.G.L. Randles, Nathan Wachtel e outros (orgs.), Para uma história antropológica. A noção de reciprocidade, pp. 39-57. Lisboa: Edições 70. [1974.]
- Clarence-Smith, W.G.
1992 'Planters and smallholders in Portuguese Timor in the nineteenth and twentieth centuries', Indonesia Circle 57: 15-29.

- Clastres, Pierre
1976 'Préface', em: M. Sahlin, Âge de pierre, âge d'abondance, pp. 11-30. Paris: Gallimard.
- Clifford, James
1988 The predicament of culture; Twentieth-century Ethnography, Literature, and Art. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Clifford, J. e G. Marcus (orgs.)
1986 Writing culture; The poetics and politics of ethnography. Berkeley: University of California Press.
- Colchester, Marcus
1994 'Sustaining the forests: The community-based approach in South and South-East Asia', em: Dharam Ghai (org.), Development and environment: Sustaining people and nature, pp. 69-100. Oxford: Blackwell.
- Collier, W.L.
1981 'Agricultural evolution in Java', em: G.E. Hansen (org.), Agricultural and rural development in Indonesia, pp. 147-179. Boulder: Westview Press.
- Comaroff, John e Jean Comaroff
1992 Ethnography and the historical imagination. Boulder: Westview Press.
- Crump, Thomas
1987 'The alternative economy of alcohol in the Chiapas highlands', em: Mary Douglas (org.), Constructive drinking; Perspectives on drink from anthropology, pp. 239-249. Cambridge: Cambridge University Press.
1990 The anthropology of numbers. Cambridge: Cambridge University Press.
- Davis, John
1996 'An anthropologist's view of exchange', Social Anthropology 4: 213-226.
- Douglas, Mary (org.)
1987 Constructive drinking; Perspectives on drink from anthropology, Cambridge: Cambridge University Press.
- Douglas, Mary e Baron Isherwood
1996 The world of goods; Towards an anthropology of consumption. London: Routledge. [1979.]
- Dumont, Louis
1970 Homo hierarchicus: the caste system and its implications. London: Weidenfeld and Nicolson. [1966.]
- Durkheim, Émile
1977 A divisão do trabalho social. Lisboa: Editorial Presença. [1893.]
- Eco, Umberto
1980 Como se faz uma tese em ciências humanas. Lisboa: Ed. Presença [1977.]
- Epstein, T. Scarlett
1968 Capitalism, primitive and modern. Michigan State University Press.
- Estioko-Griffin, Agnes
1985 'Women as hunters: the case of an Eastern Cagayan Agta group', em: P. Bion Griffin e Agnes Estioko-Griffin (orgs.), The Agta of Northeastern Luzon: Recent Studies, pp. 18-32. Cebu City: San Carlos Publications.
- Evans-Pritchard, E.E.
s.d. Os Nuer. São Paulo: Editora Perspectiva. [1940.]

- Falola, Toyin
1995 'Gender, business, and space control: Yoruba market women and power', em: Bessie House-Midamba e Felix K. Ekechi, African market women and economic power: The role of women in African economic development, pp. 23-40. Westport: Greenwood Press.
- Fegan, Brian
1982 'The social history of a Central Luzon Bairro', em: Alfred W. McCoy e Ed. C. de Jesus (orgs.), Philippine social history: Global trade and local transformations, pp. 91-129. Manila / Sydney. [ASAA no. 7.]
- Feierman, Steven
1995 'Africa in history: The end of universal narratives', em: Gyan Prakash (org.), After Colonialism, pp. 40-65. Princeton.
- Feil, D.K.
1987 The evolution of Highland Papua New Guinea Societies. Cambridge: Cambridge University Press.
- Feinberg, Richard, e Karen Ann Watson-Gegeo (orgs.)
1996 Leadership and change in the Western Pacific: Essays presented to Sir Raymond Firth on occasion of his 90th birthday. London School of Economics Monographs on Social Anthropology. London: Athlone.
- Ferreira, Eduardo Sousa
1985 'A lógica da consolidação da economia de mercado em Angola, 1930-1974', Análise Social 85: 83-110.
- Firth, Raymond
1965 Malay fishermen: their peasant economy. London: Routledge. [1946.]
- Fogelberg, Teresa
1981 Nanumba women: working bees or idle bums? Leiden: ICSS.
- Fortes, Meyer e E.E. Evans-Pritchard (orgs.)
1981 Sistemas políticos africanos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1940.]
- Fukuyama, Francis
1996 Confiança: Valores sociais e criação de prosperidade. Gradiva [1996.]
- Gailey, Christine Ward
1987 Kinship to kingship: Gender hierarchy and state formation in the Tongan Islands. Austin: University of Texas Press.
- Geertz, Clifford
1973 'Thick description: Toward an interpretative theory of culture', em The interpretation of cultures, pp. 3-30. New York: Basic Books.
1980 Negara: The theatre state in nineteenth-century Bali. Princeton N.J.: Princeton University Press.
- Gell, Alfred
1986 'Newcomers to the world of goods: consumption among the Muria Gonds', em: Arjun Appadurai (org.), The social life of things: commodities in cultural perspective, pp. 110-138. Cambridge: Cambridge University Press.
- Geschiere, Peter
1980 'Child-witches against the authorities of their elders; Anthropology and history in the analysis of witchcraft beliefs of the Maka (Southeast Cameroon)', em: R. Schefold, J.W. Schoorl, e J. Tennekes (orgs.), Man, meaning and history: Essays in honour of H.G. Schulte Nordholt, pp. 268-299. The Hague: Nijhoff.

- Giddens, Anthony
1989 Sociology. Cambridge etc.: Polity Press.
- Gluckman, Max
1991 Custom and conflict in Africa. Oxford: Blackwell. [1956.]
- Gnecchi-Ruscone, Elisabetta
1997 'Changing feasts; Church day as transformation of *vasái*', em: Ton Otto e Ad Borsboom (orgs), Cultural dynamics of religious change in Oceania, pp. 23-32. Leiden: KITLV Press.
- Godbout, Jacques T.
1997 O espírito da dádiva. Lisboa: Instituto Piaget. [1992.]
- Godelier, Maurice
[1973] Horizontes da antropologia. Lisboa: Edições 70.
1986 The making of great men; Male dominance and power among the New Guinea Baruya. Cambridge: Cambridge University Press [1982].
1988 'A antropologia económica', em: Jean Copans e outros (orgs.). Antropologia, ciência das sociedades primitivas? pp. 143-189. [1971.]
1992 'Espelho meu, espelho meu... O papel da antropologia no passado e no futuro: uma avaliação provisória', Ler História 23: 101-116.
- Godelier, Maurice e Marilyn Strathern (orgs.)
1991 Big men and great men; Personifications of power in Melanesia. Cambridge University Press.
- Gonçalves, A. Custódio
1992 Questões de antropologia social e cultural. Porto: Edições Afrontamento.
- Gregory, C.A.
1980 'Gifts to men and gifts to god: Gift exchange and capital accumulation in contemporary Papua', Man 15: 626-652.
- Grimshaw, Anna e Keith Hart
1995 'The rise and fall of scientific ethnography', em: Akbar Ahmed e Cris Shore (orgs.), The future of anthropology; Its relevance to the contemporary world, pp. 46-64. London: Athlone.
- Haas, Jonathan (org.)
1990 The anthropology of war. Cambridge University Press.
- Halstead, Paul e John O'Sea (orgs.)
1989 Bad year economics. Cambridge: Cambridge University Press.
- Harris, Marvin
1968 The rise of anthropological theory; A history of theories of culture. New York: Harper Collins.
1990 Canibais e reis. Lisboa: Edições 70. [1977.]
- Headland, Thomas
1990 'Time allocation, demography, and original affluence in a Philippine negrito hunter-gatherer society.' Paper presented at the 6th International Conference on Hunting and Gathering Societies. Fairbanks, Alaska.
- Heimer, Franz-Wilhelm
1983 'Sobre a articulação dos modos de produção em Angola. Uma nova metodologia', Análise Social 77-78-79: 1091-1100.
- Henry, Christine
1994 Les îles où dansent les enfants défunts; Âge, sexe et pouvoir chez les Bijojo de Guinée Bissau. Paris: CNRS-Éditions / Maison des Sciences de l'Homme.

Herzfeld, Michael

1992 Anthropology through the looking-glass: Critical ethnography in the margins of Europe. Cambridge University Press. [1987.]

Heyzer, Noeleen

1986 Working women in South-East Asia: development, subordination and emancipation. Milton Keynes and Philadelphia: Open University press.

Hill, Polly

1992 Developments economics on trial: The anthropological case for a prosecution. Cambridge University Press. [1986.]

House-Midamba, Bessie e Felix K. Ekechi (orgs.)

1995 African market women and economic power: The role of women in African economic development. Westport: Greenwood Press.

Huntington, Samuel P.

1996 The clash of civilizations and the remaking of world order. New York: Simon & Schuster.

Ichikawa, Mitsuo

1996 'The co-existence of man and nature in the African Rain Forest', em: Roy Ellen e Katsuyoshi Fukui (orgs.), Redefining nature: Ecology, culture and domestication, pp. 467-492. Oxford: Berg.

Jolly, Margaret e Martha MacIntyre (orgs.)

1989 Family and gender in the Pacific: Domestic contradictions and colonial impact. Cambridge: Cambridge University Press.

Jones, Nicholas Blurton, Kristen Hawkes, e Patricia Draper

1996 'Differences between Hadza and !Kung children's work: Original affluence or practical reason?', em: Ernest S. Burch, Jr e Linda J. Ellanna (orgs.), Key issues in hunter-gatherer research, pp. 189-215. Oxford: Berg. [1994.]

Juillerat, Bernard

1997 "L'envers du don: du désir à l'interdit. Représentations de l'échange et structure oedipienne dans une société mélanésienne", Social Anthropology 5: 1-20.

Kahn, J.S.

1995 Culture, multicultural, postculture. London: Sage.

Kapadia, Karin

1995 Siva and her sisters: Gender, caste and class in rural South India. Boulder: Westview Press.

Keesing, Roger

1987 Cultural anthropology: A contemporary perspective. New York etc: CBS.

Kerkvliet, Benedict J. Tria

1990 Everyday politics in the Philippines: class and status relations in a Central Luzon village. Berkeley: University of California Press.

King, Victor T.

1991 'Cognition and rank in Borneo', em: Frans Husken e Jeremy Kemp (orgs.), Cognition and social organization in Southeast Asia, pp. 15-31. Leiden: KITLV Press.

1993 The peoples of Borneo. Oxford: Blackwell.

Knauff, Bruce M.

1987 'Reconsidering violence in simple human societies; Homicide among the Gebusi of New Guinea', Current Anthropology 28: 457 ff.

Koot, Willem

1991 'Organizational anthropology in the Netherlands; An unscientific trendy pursuit or an important new field of study?', em: P. Kloos e H.J.M. Claessen (orgs.), Contemporary anthropology in the Netherlands; The use of anthropological ideas, pp. 105-120. Amsterdam: VU Press.

Labode, Modupe

1993 'From Heathen Kraal to Christian Home: Anglican Mission Education and African Christian Girls, 1850-1900', em: Fiona Bowie, Deborah Kirkwood e Shirley Ardener (orgs.), Women and Missions: Past and Present, pp. 126-144. Oxford: Berg.

Leach, Edmund R.

1990 Political systems of Highland Burma. A study of Kachin social structure. London: The Athlone Press. [1954.]

Leeuwen, Lizzy van

1997 'Being rich in Jakarta, 1994; A mother and two daughters', em: Henk Schulte Nordholt (org.), Outward appearances; Dressing state and society in Indonesia, pp. 339-362. Leiden: KITLV Press.

Lemoine, Jacques

1997 'Fonction et rébellion. La place de la femme à l'intérieur et à la périphérie du monde chinois', Social Anthropology 5: 255-275.

Lewellen, Ted C.

1992 Political anthropology; An introduction. Westport / London: Bergin & Garvey.

Llobera, Josep

1986 'Fieldwork in Southwestern Europe; Anthropological panacea or epistemological straitjacket?' Critique of Anthropology 6, 2: 25-33.

Long, Norman

1996 'Globalization and localization: new challenges to rural research', em: Henrietta L. Moore (org.) The Future of Anthropological Knowledge, pp. 37-59. London: Routledge.

Lundstrom, Wil

1998 'Gendered borders; About some professional women in Malaysia', em: Maria Johanna Schouten (org.), Portugal e a Ásia do Sudeste. Lisboa [no prelo.]

Malinowski, Bronislaw

1987 Argonauts of the Western Pacific. London: Routledge. [1922.]

Marques Guedes, Armando

1997 'Representações religiosas e igualitarismo político entre os caçadores e recolectores Atta de Kalinga-Apayao, Filipinas', Revista da FCSH 10: 123-153.

Mauss, Marcel

1988 Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Edições 70. [1923.]

McCreedy, Marion

1996 'The arms of the Dibouka', em: Ernest S. Burch, Jr e Linda J. Ellanna (orgs.), Key issues in hunter-gatherer research, pp. 15-34. Oxford: Berg. [1994.]

Nieuwenhuys, Olga

1994 Children's lifeworlds; Gender, welfare and labour in the developing world. Routledge.

Oberg, K.

1981 'O reino dos Ankole no Uganda', em: Meyer Fortes e E.E. Evans-Pritchard (orgs.), Sistemas políticos africanos, pp. 227-293. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1940.]

- Ong, Aihwa
 1996 'Anthropology, China and modernities; The geopolitics of cultural knowledge', em: Henrietta L. Moore (org.) The Future of Anthropological Knowledge, pp. 60-92. London: Routledge.
- Papanek, Hanna e Laurel Schwede
 1988 'Women are good with money; Earning and managing in an Indonesian city', em: D. Dwyer e J. Bruce (orgs.) A home divided; Women and income in the third world, pp. 71-98. Stanford University Press.
- Parry, Jonathan e Maurice Bloch (orgs.)
 1989 Money and the morality of exchange, Cambridge: Cambridge University Press.
- Perez, Rosa Maria
 1994 Reis e intocáveis; Um estudo do sistema de castas no noroeste da Índia. Oeiras: Celta Editora.
 1996 'Corpos impuros; mulheres e intocáveis na Índia', em: Miguel Vale de Almeida (org.), Corpo presente, treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Oeiras: Celta Editora.
- Pinto, José Madureiro
 1994 Propostas para o ensino das ciências sociais. Porto: Edições Afrontamento.
- Radcliffe-Brown, A.R.
 1981 'Prefácio', em: Meyer Fortes e E.E. Evans-Pritchard (orgs.), Sistemas políticos africanos, pp 3-24. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1940.]
- Ranger, Terence
 1991 'Missionaries, migrants and the Manyika: The invention of ethnicity in Zimbabwe', em: Leroy Vail (org.), The creation of tribalism in Southern Africa, pp. 118-150. Berkeley / Los Angeles: University of California Press [1989.]
- Rehfishch, Farnham
 1987 'Competitive beer drinking among the Mambila', em: Mary Douglas (org.), Constructive drinking; Perspectives on drink from anthropology, pp. 135-145. Cambridge: Cambridge University Press.
- Reid, Anthony
 1983 (org.) Slavery, bondage and dependency in Southeast Asia. New York: St. Martin's Press.
 1988 Southeast Asia in the age of commerce, 1450-1680. Vol. 1: The lands below the winds. New Haven and London: Yale University Press.
- Robison, Richard e David S.G. Goodman (orgs.)
 1996 The new Rich in Asia; Mobile phones, McDonald's and middle-class revolution. London: Routledge.
- Rousseau, Jérôme
 1990 Central Borneo: ethnic identity and social life in a stratified society. Oxford: Clarendon Press.
- Rudie, Ingrid
 1995 'The significance of "eating": cooperation, support, and reputation in Kelantan Malay households', em: Wazir Jahan Karim (org.), 'Male' and 'female' in developing Southeast Asia, pp. 227-245. Oxford: Berg.
- Rudner, David West
 1994 Caste and capitalism in Colonial India; The Nattukottai Chettars. Berkeley: University of California Press.
- Russell, Susan
 1992 'Institutionalizing opportunism: Cheating on baby purse seiners in Batangas Bay, Philippines', em: James M. Acheson (org.), Anthropology and institutional economics, pp. 87-108. Lanham, Md.: University Press of America.

- Sahlins, Marshall
 1963 'Poor man, rich man, big-man, chief: political types in Melanesia and Polynesia', Comparative Studies in Society and History 5: 285-303.
- 1976 Âge de pierre, âge d'abondance. Paris: Gallimard. [1972.]
- Said, Edward W.
 1995 Orientalism. Harmondsworth: Penguin. [1978.]
- Schouten, M.J.C.
 1993 Minahasan metamorphoses. Covilhã: UBI.
- 1995 'Wa'ilan and bos: Status seeking in Minahasa', em: Reimar Schefold (org.), Minahasa past and present: tradition and transition in an outer island region of Indonesia, pp. 7-21. Leiden: Research School CNWS.
- 1996 'Socialization for domesticity: the reception of a European doctrine among Southeast Asian women', Anais Universitários da Universidade da Beira Interior, número especial, pp. 265-283.
- Schrader, Heiko
 1994 'Professional moneylenders and the emergence of capitalism in India and Indonesia', International Sociology 9, 2: 185-208.
- Schrijvers, Joke
 1986 'Make your son a king', em: Martin van Bakel, e outros (orgs.) Private politics, pp. 13-32. Leiden: Brill.
- Schulte Nordholt, Henk
 1996 The spell of power: A history of Balinese politics 1650-1940. Leiden: KITLV Press.
- Schulte Nordholt, N.G.
 1980 'The Indonesian elections: A national ritual', em: R. Schefold, J.W. Schoorl e J. Tenekes (orgs.), Man, meaning and history. Essays in honour of H.G. Schulte Nordholt, pp. 179-203. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Scott, James C.
 1985 Weapons of the weak: Everyday forms of peasant resistance. New Haven: Yale University Press.
- Seaton, S.Lee e H.J.M. Claessen (orgs.)
 1979 Political anthropology: The state of the art. The Hague: Mouton.
- Shipton, Parker
 1994 'Time and money in the Western Sahel: A clash of cultures in Gambian rural finance', em: James Acheson (org.), Anthropology and institutional economics, pp. 283-327.
- Shnirelman, Victor A.
 1996 'Cherchez le chien: Perspectives on the economy of the traditional fishing-oriented people of Kamchatka', em: Ernest S. Burch, Jr e Linda J. Ellanna (orgs.), Key issues in hunter-gatherer research, pp. 169-188. Oxford: Berg. [1994.]
- Silva, José Carlos Gomes da
 n.d. Orissa: Antropologia e literatura de viagens. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Silva, A.S., e V.O. Jorge (orgs.)
 1993 Existe uma cultura portuguesa? Porto: Edições Afrontamento.

Stirrat, R.L.

1989 'Money, men and women', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 94-116. Cambridge: Cambridge University Press.

Strathern, Andrew

1971 The rope of moka. Big-men and ceremonial exchange in Mount Hagen, New Guinea. Cambridge: Cambridge University Press.

1993 'Violence and political change in Papua New Guinea', Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 149 (1993): 718-736.

Strathern, Marilyn

1972 Women in between; Female roles in a male world. London: Academic Press.

1988 The gender of the gift: Problems with women and problems with society in Melanesia. Berkeley: University of California Press.

Tambiah, Stanley Jeyaraja

1985 Culture, Thought and Social Action; An Anthropological perspective. Cambridge, Mass. : Harvard University Press.

Toren, C.

1989 'Drinking cash: the purification of money through ceremonial exchange in Fiji', em: Jonathan Parry e Maurice Bloch (orgs.), Money and the morality of exchange, pp. 142-164. Cambridge: Cambridge University Press.

Valensi, Lucette

1978 'História e antropologia económica: a obra de Karl Polanyi'. Em: W.G.L. Randles, Nathan Wachtel e outros (orgs.), Para uma história antropológica. A noção de reciprocidade, pp. 13-26. Lisboa: Edições 70. [1974]

Vivelo, Frank Robert

1978 Cultural anthropology handbook; A basic introduction. New York etc.: MacGraw-Hill.

Wachtel, Nathan

1978 'A reciprocidade e o Estado Inca: De Karl Polanyi a John V. Murra', em: W.G.L. Randles, Nathan Wachtel e outros (orgs), Para uma história antropológica; A noção de reciprocidade, pp. 75-92. Lisboa: Edições 70. [1974.]

Watson, James (org.)

1997 Golden Arches East: McDonald's in East Asia. Cambridge: Cambridge University Press.

Weiner, Annette

1976 Women of value, men of renown; New perspectives in Trobriand exchange. Austin: University of Texas Press.

Winthrop, Robert H.

1991 Dictionary of concepts in cultural anthropology. Westport: Greenwood Press.

Wolf, Eric R.

1970 Sociedades camponesas. Rio de Janeiro: Zahar editores. [1966.]

1982 Europe and the people without history. Berkeley: University of California Press.

1990 'Distinguished lecture: Facing power - old insights, new questions', American Anthropologist 92: 586-596.

Woodburn, James

1982 'Egalitarian societies', Man 17: 431-451.

1997 'Indigenous discrimination: the ideological basis for local discrimination against hunter-gatherer minorities in sub-Saharan Africa', Ethnic and Racial Studies 20: 345-361.

ANEXO I

ANTROPOLOGIA CULTURAL I

A avaliação; normas para o trabalho escrito.
(A distribuir pelos alunos):

Avaliação:

Na avaliação contam os seguintes elementos:

1. Um teste escrito sobre a matéria das aulas e da bibliografia básica : 50%.
2. A parte prática : 50%.

Se a média for 10 valores ou mais, o aluno é dispensado do exame. No entanto, no exame, (época normal ou de recurso) pode tentar melhorar a nota.

Neste caso, a nota mais elevada (seja a da época de aprendizagem, ou a do exame) conta como nota final.

Frequência.

O aluno é admitido ao exame (época normal e de recurso) sob as seguintes condições:

- entregue da ficha do aluno, devidamente preenchida;
- conclusão da parte prática;
- presença habitual nas aulas.

Os alunos que por qualquer motivo não puderem frequentar as aulas de forma regular (por exemplo estudantes-trabalhadores), devem contactar a docente com a máxima urgência.

A parte prática

A parte prática consiste em:

1. a elaboração de um trabalho;
2. a apresentação oral deste trabalho;
3. um comentário oral ao trabalho de um colega.

ad 1.

O trabalho deve ser baseado num dos textos da bibliografia indicada.

Deve ser um todo consistente, que inclui: um resumo do texto, um comentário pessoal e algumas referências à matéria das aulas.

No trabalho o aluno deve mostrar que percebeu a problemática fundamental do texto; outros factores importantes na avaliação são a coerência, o cuidado na redacção, a originalidade e a fundamentação dos argumentos.

Deve-se ter o máximo de cuidado na ortografia, na referência a textos ou outras fontes, e na bibliografia.

Deve-se indicar claramente a fonte dos dados ou das ideias.

! Seja claro & conciso!

Convém consultar os "guias práticos" de Barnes, Barras, e Eco.

O trabalho deve ser dactilografado, e não ultrapassar as 2000 palavras.

Procede-se à entrega de dois exemplares, numa data ainda a indicar.

ad 2.

Na apresentação, o discente comunica, em 5 - 10 minutos, os aspectos mais importantes / interessantes do texto e/ ou do trabalho.

Falar (apresentar) é diferente de escrever; evite ler o trabalho - salvo, talvez, umas frases que considera de importância particular. Pode ser conveniente utilizar acetatos.

O aluno deve, também, estar preparado para responder a perguntas dos colegas e da docente.

ad 3.

O aluno lê com atenção o trabalho do colega e consulta também o texto "de base".

No comentário, devem ser focados alguns aspectos que são considerados interessantes, bons, ou menos bons, devendo estas opiniões ser justificadas. Convém colocar uma ou duas questões directas ao colega - autor do trabalho.

ANEXO II

RELATÓRIO DE ALGUMAS AULAS (A DISTRIBUIR PELOS ALUNOS).

NOTA: Esta parte contém os balanços-síntese de algumas aulas, elaborados com base nos textos analisados, nos trabalhos dos alunos, e nas respectivas discussões. Contém, também, algumas questões levantadas na aula, que servem depois como um exercício de reflexão mais informada e documentada sobre a matéria.

Tema: Dádiva, dívida e reciprocidade

Timeo Danaos et dona ferentis. Vergilius, Aeneis II, 49.

"The concepts of sharing and of reciprocity are virtually universal as social values and have been suggested by some investigators to be at the very core of the origins of human culture."
(Halstead e O'Sea 1989: 4)

Mauss Essai sur le don

Sobre esta obra:

... (As ilustrações de Mauss são:) "... les échanges de biens masculins et féminins à Samoa, la réciprocité selon la théorie maorie du hau rapportée par E. Best, la kula analysée par Malinowski et, surtout, le potlatch en Colombie britannique. A cela, il ajoute des exemples tirés de l'Antiquité pour introduire à quelques considérations sur le don oblatif ou le don intéressé dans nos civilisations contemporaines." (Juillerat 1997: 1).

Ver o comentário de Sahlins, ('L'Esprit du don', 1976: 227), "Ces prestations et contre-prestations s'engagent sous une forme plutôt volontaire, par des présents, des cadeaux, bien qu'elles soient au fond rigoureusement obligatoires, à peine de guerre privée ou publique."

"Gift exchange differs from total prestations in that it may occur between individuals. As a result, unlike total prestations, gift exchange can take on a competitive form such as the potlatch. For Mauss, ..., it is the combination of interest and moral obligation which characterises gift exchange and which he contrasts with the modern industrial world of the laissez-faire economists, which Mauss saw as an unfortunate later third stage." (Bloch 1989: 168).

Assim, o conceito reciprocidade tem um alcance muito maior do que só no campo económico.

Ver, por exemplo, a seguinte afirmação de Clastres (1976: 25):

"Au coeur de la relation du pouvoir s'établit la relation de dette."

Qual será a relação de Mauss com o estruturalismo de Lévi-Strauss?

Textos: tema-the first affluent society...

Produção - relação com o ambiente: O caso dos caçadores-recolectores.

Sahlins, "La première société d'abondance". ("The first affluent society")

Este texto (cujo título refere a uma obra famosa de John Kenneth Galbraith) causou nos anos 1960 uma revira-volta na avaliação da qualidade de vida das sociedades caçadores / recolectores.

"Antes de 1966 o popular tema acerca dos caçadores e recolectores era que as suas vidas eram "desagradáveis, rudes e curtas." (paráfraseando Thomas Hobbes, "nasty, brutish, and short")

"... peuples chasseurs ... mènent ... une existence relativement terne, centrée essentiellement sur le plaisir de savourer la nourriture et de digérer à loisir. Comme le note Julian Steward à propos des Shoshone, l'orientation culturelle n'est ni dionysiaque, ni apollinienne, mais bachique, ou plus exactement 'gastrique'." (Sahlins 1976: 81).

"Australiens et Bochimans, dès lors qu'ils estiment avoir recueilli suffisamment de ressources alimentaires, cessent de chasser et de collecter. Pourquoi se fatigueraient-ils à récolter au-delà de ce qu'ils peuvent consommer? [...] les Sauvages ne sont pas aussi fous que les économistes formalistes qui, faute de découvrir en l'homme primitif la psychologie d'un chef d'entreprise industrielle ou commerciale [...] en déduisent, les sots, l'infériorité intrinsèque de l'économie primitive." (Clastres 1976: 15, num comentário anuente a Sahlins)

"Les Sauvages produisent pour vivre, ils ne vivent pas pour produire." (Clastres 1976: 18)

Ver sobre esta temática também Custódio Gonçalves 1992: 165.

Compare as afirmações acima com as seguintes:

"... the most 'affluent' hunters in terms of leisure time are also the poorest in terms of material possessions." (Burch & Ellanna 1996: 148).

E em particular com

a posição de Headland no artigo "Time allocation, demography...." (1990) sobre os Agta, nas Filipinas, que vivem como caçadores / recolectores em bandos. O autor salienta a evolução demográfica.

Alguns extractos do artigo de Headland:

"...I put more import to nutrition, life expectancy, health and disease, reproductive success, and especially population stability than I do to leisure as ways to measure hunter-gatherer affluence. (Actually, I prefer the term adaptation to affluence, anyway)... Population stability is the better measuring stick."

"Has there never been a year in the Dobe area when the mongongo trees failed to bear fruit?"

"There is more to work than food gathering; food processing and tool manufacture must also be included. (!Kung women spend three to four hours a day just processing mongongo nuts.)"

Textos: tema - divisão do trabalho**A. A divisão sexual**

"In every known society, men's activities are regarded as more important than women's, quite irrespective of what these activities are" (Mead 1962: 157, quoted by Fogelberg 1982: 5).

"Male social dominance means that men are able to impose their definitions and evaluations upon the social world. Thus, men tell women how they should be; and, as Ortner (1974) has argued, what men do is more highly valued than what women do."
(Harriet Bradley, Fractured Identities, p. 82 [London 1996])

Em sociedades de caçadores- recolectores:

Agnes Estioko-Griffin "Women as hunters", sobre os Agta (Filipinas) mostra-nos a existência de sociedades em que mulheres por regra caçam.

No entanto, segundo Robert Brightman há uma grande diferença entre a caça praticada por mulheres e por homens, nas diversas sociedades.

Em geral "Women are ill-adapted to hunting because they lack education and weapons." (Brightman 1996 pp. 699, 703.)

Em sociedades agrícolas:

Fogelberg sobre os Nanumba (Ghana)

- palavras- chave: divisão de trabalho ; ideologia ; gender relations; muted culture.

"... the economic activities of women and men are distorted by Nanumba ideology of work, in such a way, that the work of ... women is underestimated and negatively depicted, and the work of men is overestimated and positively depicted. The fact that ideas are systematically twisted in the interest of one social category, i.e. men, can be regarded as an indication of power of that social category."
(Fogelberg 1981: 71)

A influência das normas ocidentais (ver Schouten 1996 e Labode 1993).

B. Divisão por idade

("trabalho infantil" na Índia - as tarefas das crianças são atribuídas segundo o sexo).
(Nieuwenhuys 1994)

Textos: tema - moeda, commodities e consumo

Godelier, 'Moeda de sal' ...

... o sal percorre toda a cadeia das conversões possíveis ... apresenta-se na forma de barras grandes ou pequenas e sempre divisíveis em pedaços, oferece uma unidade de medida cómoda para operações comerciais. A sua embalagem extremamente cuidada permite transportá-lo facilmente e conservá-lo durante anos." (Lérias 1997).

A questão de Godelier: Será que sal, para os Baruya, é moeda?

Sharon Hutchinson mostra que "...money and commodities are culturally constructed." (Feierman 1995: 49), e também salienta o carácter processual de "commoditization". Ver o extracto a seguir, sobre os Nuer:

"Nuer these days work for wages, become active as merchants, and engage in the trade in cattle and other commodities as buyers and sellers. They can therefore be said to have entered the capitalist world of commodity exchange; they speak the universal language of money and price. Nevertheless, cattle are commodities in relatively circumscribed contexts; they are unlike the commodities described by Wolf, or the commodities found in Marx, for whom capitalist exchange breaks down boundaries and opens free movement. Nuer sell cattle for money, but they may not exchange the money thus earned in all the ways they might have exchanged cattle. The crucial difference between money and cattle is that "cattle have blood," which people equate with procreative force." (segundo Feierman 1995: 49-50).

Ver um outro caso de "commoditization" ou "commodification" na ilha de Bornéu, no artigo de Jennifer Alexander e Paul Alexander (1995)

"This paper examines the changing ways in which goods and services are exchanged within and beyond a longhouse community. State intervention, cash crops, and wage labour have all created a need for cash and provided the means to obtain it. But culturally constituted spheres of exchange are resilient, despite sharply increased consumption of externally produced commodities and the monetarization of sectors of the indigenous economy. Labour, land, staple foods, and prestige goods have not been commodified; nor is their value determined by the possibility of exchange." (abstract em Excerpta Indonesica 052/18)

O que será a "commoditization of the voting process" em Highland New Guinea (A. Strathern 1993: 725) ?

Ainda sobre Nova Guiné, ou Melanésia --- como uma razão dos "cargo cults" é apontado a "distortion of indigenous exchange relations under colonial rule" (Appadurai 1986: 52, com referência a Peter Worsley)

Atitudes em relação ao dinheiro:

Urdu proverb: 'If money goes, money comes. If money stays, death comes'

British proverb: 'A penny saved is a penny earned.'

(Parry 1989: 81)

British proverb: 'Time is money'

em certos outros sítios: 'Money is time'.

"For the rural Merina the use of money in a transaction does not give that transaction a special meaning, nor are there contexts where the presence of currency is objectionable this finding ... seems to reverse one of the most commonly accepted theories in economic anthropology concerning money." (Bloch 1989: 167)

Moeda e género:

Stirrat 'Money, men and women'. Sri Lanka

(palavras-chave: conspicuous consumption; economia de mercado; divisão de trabalho; commodity; fishing village.)

"Os homens estão associados à tradição; por outro lado, as mulheres estão associadas ao mercado e ao dinheiro (considerados 'sujos' pelos homens) e à desordem que os mesmos introduzem na vida social."

Carsten 'Cooking money', na Malásia.

(palavras-chave: capitalismo; minoria étnica chinesa; importância do arroz no Sudeste Asiático; divisão de trabalho; várias formas de distribuição; rotating credit co-operative; Raymond Firth.)

"Os valores defendidos pelas mulheres são: cooperação, parentesco, a casa, relações atribuídas e unidade. Os homens: individualismo, competição, comércio, relações alcançadas e divisão."

"Men bring in money as an impersonal commodity, and women socialise it - bring it into the sphere of personal loyalties in a household context" (Rudie 1995: 236 sobre Carsten's artigo).

Extractos da introdução de Bloch & Parry, em Money and the morality of exchange, comparando os artigos de Stirrat e Carsten:

21 "... Sri Lankan fishermen ... associate money with disorder and a disruption of the proper hierarchical order of caste, ... Fijians talk of the world of money as the antithesis of the ordered moral world of chiefs and kinship."

23 "As in the Fijian case, the Malay fishermen [...] symbolically transform money from a subversive and threatening force into something moral and socially positive. As in our Sri Lankan case, there is an intimate connection between the symbolism of money and the symbolism of gender, but there the similarity ends. Unlike Stirrat's Sinhalese, the Malay fishermen of Langkawi are quite willing to engage in commercial exchanges, though they can only legitimately do so with comparative strangers, for such relations are seen as incompatible with the moral bonds of kinship."

Toren - Fiji

(palavras-chave: consumo como ritual; gift exchange / commodity exchange; hierarquia; continuity & change; invenção de tradição.)

"Os fijianos tendem a privilegiar as trocas de dádivas em detrimento da troca de bens. O contraste verificado entre bens e dádivas, dinheiro e yaqona e o 'costume europeu' e o 'costume fijiano' não resulta só do colonialismo e da inserção dentro do amplo mundo da economia capitalista, mas [é] também um modo de manter as relações de parentesco, as relações hierarquizadas e igualitárias.

Os fijianos dão-nos a ideia de uma sociedade hierarquicamente ordenada, onde cada um sabe a sua posição a ocupar e os chefes têm privilégios e poderes que os distinguem dos outros e os mantêm 'acima' dos outros. É uma sociedade que diz que através de trocas cerimoniais mantém o que é tradicional, ajustando-se assim às mudanças históricas que tem vindo a sofrer." (Santos 1996: 4 - ligeiramente alterado).

Aqui aplica-se o conceito de kastom (as tradições antigas, tal como entendidas pelos Melanésios - e outros habitantes indígenas de Oceânia - na realidade é uma (re)construção)

Assim, surge a série de termos:

tradition - continuity - change - retraditionalizing - invention of tradition - kastom.

Ver também o artigo de Gneccchi-Ruscione (1997), sobre trocas rituais, agora num contexto cristão.

O consumo de yagona (ou kava) está central na vida social e ritual em Fiji, e em muitas outras sociedades do Pacífico Ocidental.

A revista Canberra Anthropology 18 (1995) contém vários artigos sobre kava:

Ver os títulos:

Lebot, Vincent: 'The origin and distribution of kava', pp. 20-33.

Turner, James W.: 'Substance, symbol and practice. The power of kava in Fijian society', pp. 97-118.

Perminow, Arne Aleksej: 'Recreational drinking in Tonga. Kava and the constitution of social relationships', pp. 119-135.

D'Abbs, Peter: 'The power of kava or the power of ideas?', pp. 166-183.

Gell 1986 Índia

(palavras-chave: Sociedade "tribal" fora do sistema Hindu de castas; heterogeneidade étnica/ religiosa do Estado; comensalidade; aculturação; invenção de tradição; tipos de distribuição (Polanyi); consumo.)

Segundo a autor, entre os Muria Gond existe um "collectivist consumption ethos" (p. 123)

Consumo (convergências com a matéria referida acima):

Rudie (sobre Malásia)

comparar com Carsten (também sobre Malásia).

no caso de Kelanten "women may sometimes come quite close to commoditising the domestic sphere, but also [...] these two tendencies compete, depending on contextual conditions". (236-237).

(sublinhado pela autora)

pp. 237-238 são também de interesse para a discussão sobre gift versus (?) commodity.

'Mecanismos de nivelção':

Woodburn 1982: 442 'socially imposed levelling mechanism'.

(Nos casos dos Kwakiutl e dos Trobriand):

"... o consumo ostentatório contribui para o aumento do prestígio do chefe, impedindo o desequilíbrio resultante da acumulação e da capitalização dos bens materiais e das riquezas."

(Custódio Gonçalves 1992: 165).

Comércio:

Port of trade (Polanyi)

"a site usually, but not necessarily, coastal or riverain, set aside as a politically neutral meeting place for foreign traders."

(Geertz 1980: 87).

Textos : colonialismo, imperialismo e articulação de modos de produção

"Articulação de modos de produção":

(Heimer 1983: 1095):

O que se passou em Angola (e outros sítios):

'manter a maior parte das sociedades "tradicionais" durante muito tempo numa situação de "auto-regulação limitada", para que pudessem continuar a assegurar, em moldes e segundo "lógicas" não capitalistas, a produção de excedentes agrícolas e a produção (e reprodução, integral ou, mais frequentemente, parcial) de uma mão-de-obra "barata", permitindo assim a apropriação, pelo modo de produção capitalista, de mais-trabalho e/ou mais-valia em termos excepcionalmente favoráveis.'

(O artigo de Heimer é uma abordagem da "formação social" angolana até ao princípio dos anos 1980.)

Sousa Ferreira 1985

(Sobre o sistema fiscal e o regulamento do trabalho, baseado no Código do Trabalho do Indígena, de 1928)..

"Pretendia-se criar condições para a existência e utilização de mão-de-obra em termos favoráveis a uma economia de mercado. O método utilizado era assim duplo. Um indirecto, através do sistema de impostos, que coagia à obtenção de rendimentos monetários, sendo a aplicação das leis fiscais utilizada pelos funcionários da Administração para garantir a mão-de-obra necessária às plantações europeias de cacau, café ou sisal, ou a empresas como as minas de diamantes' (Hailey 1956:42); o outro método era directo, através do trabalho forçado sob variadas formas." (85-86)

Clarence-Smith 1992

O colonialismo português em Timor.

Schouten 1993 Minahasa 1890-1942

Palavras-chave: Monetarização; relação com o mercado global; embeddedness / disembeddedness ; conspicuous consumption ; redistribuição; levelling mechanisms.

O conceito de "rent-capitalism" (Bobek) : (aqui falta o elemento de investimento):

Fegan 1982 : 97 "After a bad harvest the rent capitalist squeezed the peasant hard enough to leave insufficient grain for his family's caloric minimum and replacement fund, and then loaned rice at high interest. The capitalist kept the peasant alive in bad years but never allowed him a good year, for then past debts and interests were recovered. "

Observações gerais sobre formas de distribuição

Em relação ao esquemas de Polanyi e Sahlins:

Ver estas observações de Davis (1996: 217-218).

"[for] Polanyi ... substantive economies are based on pooling, reciprocity and market... Pooling is a system in which a group has centralised exchange: typically a ruler takes goods from the citizenry and redistributes them on some criterion or another. The flow of exchanges creates a pool of central resources from which authority can meet general purposes. This system can sit alongside reciprocity, where people exchange in expectation of equivalent return or good measure; and market exchange, where people are profit-motivated."

Outro exemplo, em relação à análise de John V. Murra sobre o estado Inca, é reflectido na questão de Nathan Wachtel (1978: 78): "Como é possível que a reciprocidade, aparentemente simétrica e igualitária, possa vir a articular-se com a redistribuição, a qual pressupõe um duplo movimento, centrípeto e centrífugo, assim como uma hierarquia?"

Trata-se aqui das comunidades ayllu integradas num Estado.

Maurice Godelier analisou esta situação (formação social) identificando três modos de produção.

Quais as características do Estado Inca também presentes no "Modo de Produção Asiático"?

Sobre sharing («partilhar»):

Reflecte sobre a seguinte afirmação:

"The only place where the Agta save food is in other people's stomach." (Headland 1990: 2)

Sobre bandos (com as características de "equality and flexibility"):

"Boastfulness and acknowledgment of generosity are incompatible with the etiquette of reciprocal exchange. Among the Semai of Central Malaya, no one even says 'thank you' for the meat received from another hunter... to express gratitude for the portion received indicates that you are the kind of ungenerous person who calculates how much you give and take ... and ... that one did not expect the donor to be so generous." (Harris 1987: 115-116).

Compare esse fenómeno com aquele de "generosidade interessada",

e comente neste contexto a seguinte afirmação de Malinowski sobre os Trobriand:

"The main symptom of being powerful is to be wealthy, and of wealth is to be generous." (1987: 97).

E Boas já escreveu em 1897: "[It] is not so much the possession of wealth as the ability to give great festivals which makes wealth a desirable object to the Indian" (citado em Gregory 1980: 636).

resumindo:

Em muitas sociedades tribais: festivais servem para aumento de status (generosidade conspícua + cálculo)

exemplo: Festas dos big men, potlatches, status feasts (Sudeste Asiático).

Às vezes estas são caracterizadas como formas de "egalitarian redistribution", por serem voluntárias, e devido ao facto do "redistribuidor" não ter poder para forçar os seguidores.

Distinguem-se do outro tipo, "stratified redistribution"

NOTAS SOBRE ALGUNS TIPOS DE LIDERANÇA**big man:**

A instabilidade da posição do big man:

constantemente sujeito à possibilidade de "assaltos"

- exteriores

- interiores

Ler atentamente as seguintes observações de Clastres (1976: 23 e 21)

"Qu'est-ce qui fait courir le big-man? En vue de quoi transpire-t-il? Non pas, bien sûr, en vue d'un pouvoir que, rêverait-il même de l'exercer, les gens de la tribu refuseraient de subir, mais en vue du prestige [...] C'est cette incapacité à penser le prestige sans le pouvoir qui grève tant d'analyses d'anthropologie politique....."

"... bien plus qu'un privilège, la polygynie des chefs se dévoile comme une nécessité en ce qu'elle constitue pour eux le principal moyen d'agir comme leaders: la force de travail des épouses supplémentaires est utilisée par le mari en vue de produire les surplus de biens de consommation qu'il distribuera à la communauté."

Big man versus chief (Sahlins 1963);

Qual é a relação entre economia e sistema político que Sahlins estabelece?

Ver também o artigo de Van Bakel 1986. O título "... between ascribed and achieved"... revela uma ambivalência no tipo de liderança em Samoa.

Big man versus great man (Godelier)

... ver Godelier's livro La production de grands hommes (The making of great men, Cambridge 1986), especialmente capítulo VIII (pp. 162-188, da versão em inglês) intitulado "Great men societies, big men societies: two alternative logics of society".

Ver esquema nas páginas 174-175 desse livro.

Ver e explicar os esquemas elaborados por Liep (em Godelier e Strathern (orgs.) 1991, pp. 32 e 33).

E ainda temos os "odd men", ou os "rubbish men".

Hoje, com as mudanças políticas e económicas ...

"Melanesian political processes have traditionally concentrated power and trade in the hands of "big men". Whereas, under traditional circumstances, such leadership was both openly accountable and, in the context of frequent inter-tribal war, dependent on the allegiance of clan members, this is no longer so true. Today, community leaders are as likely to be in an office in the local administrative centre as in the village men's houses and their wealth more likely to be stashed in a bank in Port Moresby or Singapore, than accumulated as pigs, wives and cowries." (Colchester 1994: 87)

"Big-men were leaders of groups, coalitions and factions in pursuit of competitive ends. When populations of this kind are introduced first to colonial and then to post-colonial power, we cannot expect them to invent overnight a respect for hierarchical authority. They obeyed the colonial power out of a combination of fear and self-interest. When fear is no longer there, they will continue to pursue the self-interest part of the equation unless curbed. In short, the national government, inheriting the colonial state apparatus in 1975, was not initially equipped with automatic legitimacy in the people's eyes." (A. Strathern 1993: 719.)

Chefes:

"Even the greatest Polynesian chiefs were conceived superior kinsmen to the masses, fathers of their people, and generosity was morally incumbent upon them." (Sahlins 1963: 297)

"Power resided in the office; it was not made by the demonstration of personal superiority." (Sahlins 1963: 295)

Havai: "... almost feudal system, was highly flexible and unstable.... The sacred mandate to rule had continually to be validated by secular success: if a chief lost in battle or a rival successfully challenged him by usurping the paramount chief's sole right to human sacrifice, it showed that he had lost his god's favor or that another's was more powerful." (Keesing 1987: 291).

"He reigns, but does not govern".

Explique esta frase, e relacione-a com a instituição de "chefe falante" em Samoa (Van Bakel).

Em relação aos líderes wa'ilan e bos na Minahasa (Schouten 1995):

wa'ilan (na época pré-colonial): pessoa com status, baseado em festas que deviam mostrar a generosidade e coragem do organizador;

bos: pessoa com status hoje em dia.

Quais as convergências e divergências entre os dois?

NOTAS SOBRE POLÍTICA

"Politics begins where kinship ends" ...

relacione esta posição com aquelas dos minimalistas e maximalistas na Antropologia política.

"A organização política de uma sociedade é o aspecto da organização total que se ocupa do controle e da disciplina do uso da força física." (Radcliffe-Brown 1981 [1940]: 24)

Lê esta afirmação no seu contexto, e dê um comentário.

Segundo Clastres (1976: 24)

"La radicale coupure qui sépare les sociétés primitives, où les chefs sont sans pouvoir, des sociétés où se déploie la relation de pouvoir: discontinuité essentielle des sociétés sans État et des sociétés à État."

Na Manchester School: atenção para 'processo e conflito'.

"...equilibrium grows out of an ongoing dialectical process" (ver Lewellen 15) (Max Gluckman)

"A rebelião é vista como um processo permanente que afecta de maneira constante as relações políticas, embora o ritual seja, em parte, encarado como um meio de exprimir os conflitos e de os ultrapassar pela afirmação da unidade da sociedade." (Balandier 30).

O mito:

"a social charter" (Malinowski)

"a pragmatic charter of primitive faith and morai wisdom" (Winthrop 195).

Balandier 49 "O poder.... exige o consentimento e uma certa reciprocidade."

Direito e controlo social:

Malinowski, law = ... "a body of binding obligations, regarded as a right by one party and as a duty by the other, kept in force by a specific mechanism of reciprocity and publicity inherent in the structure of their society."

Compare esta posição com aquela de Radcliffe-Brown, por exemplo no 'Prefácio' de Sistemas Políticos Africanos. pp. 9-10.

Para Radcliffe-Brown, as sanções aparecem como centrais.

Violência:

"In highly egalitarian and noncompetitive societies, lethal violence is especially easy to overlook or misinterpret, since it tends to be feared, devalued, and deemphasized by the people themselves." (Knauff 1987: 458.)

NOTAS SOBRE DESIGUALDADE E IGUALDADE

O CASO DAS CASTAS

Castas / varna / jati:

Em geral, distinguem-se quatro categorias, numa escala de maior pureza até impureza:

- brahmans (sacerdotes);
- kshatrijas (guerreiros);
- vaishijas (comerciantes e artesãos);
- shudras (trabalhadores).

Além disso, a grande categoria de "intocáveis".

Lembremos que na Índia, para além de Hindus, os Muçulmanos, Cristãos e Budistas também são numericamente importantes.

"O sistema de castas é habitualmente caracterizado como um dispositivo herárquico formado por grupos com especializações hereditárias, separados entre si por regras que restringem a troca sexual e alimentar a pessoas da mesma casta (termo ocidental de origem portuguesa, jati nas línguas locais)." (Perez 1994: 9).

Rosa Maria Perez tem uma visão algo diferente daquela de Louis Dumont, nomeadamente sobre a natureza da "hierarquia".

tal como Gomes da Silva (veja pp. 55-57.)

Perez refere

que em períodos de crise as varnas precisam-se umas das outras;
que em certos períodos há uma inversão da ordem social quotidiana (1994: 80)
que também os impuros tem receio de ser contaminados pelos puros. (1994: 128)

"Intocáveis" são poluentes ... "pela sua especialização profissional em actividades que implicam o contacto regular com matérias resultantes da morte e da desagregação humana, animal e vegetal" (Perez 1996: 46).

Mulheres são consideradas poluentes "pela sua exposição regular a duas situações particularmente poluentes, menstruação e parto." (Perez 1996: 46).

pardah ou pardah:

"Pardah é uma palavra de origem persa que significa literalmente "cortina"; no universo islâmico constitui uma peça de vestuário autónoma com a qual a mulher deve cobrir o rosto a partir da adolescência; no contexto hindu, o pardah é formado por uma ponta do sari, com a qual a mulher casada vela a face a partir do casamento." (Perez 1994: 103, nota 7)

"Os filhos trarão para casa mulheres e a riqueza dos seus dotes. O nascimento de uma rapariga, sobretudo em famílias pobres, é visto com apreensão. O casamento de uma filha é uma ocasião de enormes despesas; o casamento de três ou quatro significa, muitas vezes, a ruína." (Gomes da Silva n.d.: 85).

Na ilha de Bali, também, existem "castas" ou varnas.
Ver Geertz 1980, especialmente capítulo II.

Textos: Poder e género

Lewellen, Women and power

Poder; natureza e cultura; man the hunter vs woman the gatherer; o 'mito' do matriarcado; matrilinearidade e matri- (uxori-) localidade.

Schrijvers

Sri Lanka; viricentrismo; broker; consumo conspícuo; generosidade conspícuo; big man; "big woman?"
A maternidade pode ser fonte de poder ... Como, neste caso?

SOBRE AS 'TRADE MINORITIES'

No caso da Malásia, Janet Carsten (1989: 117) opõe a "moralidade" dos Malaio àquele dos Chineses:
"Kinship morality of Malays ... business ethics of Chinese...."

The Chinese, who are external to the moral community of the Malays, are thus ideally placed to play the commercial role which is antipathetical to the Malays themselves."

Já nos textos sobre consumo e commodities eram patentes situações com vários grupos étnicos:

Fiji: Fijianos e Indianos;

Malásia: Malaio e Chineses;

Sri Lanka: Sinhala e Tamil (aqui não se trata de "trading minorities"); o caso de Stirrat (sobre pescadores Sinhala) é ainda mais interessante porque é sobre uma minoria religiosa em Sri Lanka: os Católicos.

Bode expiatório? ver os desenvolvimentos recentes na Indonésia.

ALGUNS EXERCÍCIOS

The sacredness of the king of Bunyoro: "His health and well-being were critical for the well-being of his people; if he sickened, the entire country suffered." (Keesing 1987: 292-293). Explique.

A importância de dívida, logo de reciprocidade segundo Clastres (1976: 25):
"Au coeur de la relation du pouvoir s'établit la relation de dette." Explique.

Rodney Needham acerca dos Punan, de Bornéu: "they need to trade with settled peoples ... in order to remain nomads". Explique.

Os textos de Stirrat e de Carsten ambos descrevem a vida económica em comunidades de pescadores, respectivamente em Sri Lanka e na Malásia. Nos dois textos, um tema central é o papel das mulheres na economia de mercado. Há diferenças e convergências. Quais?

Em vários textos tratam-se os temas: ideologia; e invenção (ou : reconstrução) da tradição. Nalguns casos, isso é mais relacionado com "poder", e noutros com identidade cultural (étnica). Dê um exemplo de cada um, e desenvolva-o.

Poder tem os elementos de reciprocidade e de justificação. Explique.

Capitalismo às vezes é caracterizado como a 'political economy in which money can buy anything.'
Comente essa afirmação, tomando em consideração a discussão sobre 'commodities' e capitalismo.

"A religião, a magia, os mitos, a feitiçaria são instrumentos de legitimação do poder e de acentuação do seu carácter difuso, equívoco e personalizado." (Gonçalves 163).
Explique e comente.

Alguns conceitos:

aliança contextual;
anarquia ordenada (Nuer);
rituais de inversão.
fission & fusion;
professional primitives